

Afirmativa

ANO 6 - N° 31 - AFROBRAS, SEM EDUCAÇÃO NÃO HÁ LIBERDADE

plural



Michael eterno

1958 - 2009

PRESença É SER UM
BANCO IGUAL PARA
MAIS DE 40 MILHÕES DE
CLIENTES DIFERENTES.

Parceria Bradesco – Faculdade
da Cidadania Zumbi dos Palmares.

No Bradesco, o respeito à diversidade não é só um valor: é uma prática concreta. Desde 2005, o Bradesco é parceiro da Faculdade da Cidadania Zumbi dos Palmares em um programa de formação técnica, comportamental e vivencial que prepara os estudantes para ingressar no mercado de trabalho. E o Bradesco ainda mantém um grupo permanente de trabalho para a valorização da diversidade.

bradesco.com.br





dade



Bradesco

Entrevista Especial	
Júlio Cezar Alves de Oliveira	6
Capa	
Michael Jackson: o maior ídolo pop da história	10
Cidadania	
O povo negro e a nova história.....	16
História contada em quadrinhos	24
Cultura	
Fora das telas de cinema	26
O despacho urbano de MV Bill.....	28
História revisada da escravidão	30
Relação familiar de negros	31
Um museu vivo para os afro-americanos.....	32
Educação	
Medgar Evers College e Zumbi juntas	34
A Universidade Afro-Brasileira e a ousadia na integração internacional - Paulo Speller....	36
94% de preconceito.....	38
Política	
Uma negra na Presidência?.....	40
Reparações em debate	42
Comportamento	
Cotas nas passarelas	44
Cartão vermelho para o racismo	46
O dilema da África do Sul.....	48
Quem tem cara? - Paulo Cesar Azarias de Carvalho	50
Justiça para Januário	52
Mercado de trabalho	
E-mail corporativo: você sabe como usá-lo? - Renato Grinberg	56
Empreendedorismo	
Miss Brown to you	58
Perfil	
Reconhecida pela Nasa	60
Turismo	
Rota da Liberdade.....	62
Saúde	
Mais riscos para os negros.....	66
Nossa pele exige cuidados	68
Veículos	
Soul: a alma da Kia.....	70
Plural	
Tudo pronto para 2010	72
Opinião	
Rosenildo Gomes Ferreira	76
Reflexões	
Guerreiras de Natureza - Nanci Valadares	78
Afirmativo	
A revolução do Rei do Pop - Wilson Simoninha.....	82
Preto e Branco	
Naomi Sims	84

Índice

Afirmativa Plural é uma publicação da Afrobras – Sociedade Afro Brasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural, Centro de Documentação, através da: Editora Unipalmares Ltda., CNPJ nº 08.634.988/0001-52. Com periodicidade bimestral. Ano 6, número 31, Agosto/Setembro 2009 – Av. Santos Dumont, 843 Bairro Ponte Pequena – São Paulo/SP – Brasil – CEP 01101-080 – Tel. (55 – 11) 3229 4590. www.afrobras.org.br

CONSELHO EDITORIAL: José Vicente, Francisca Rodrigues, Ruth Lopes, Raquel Lopes, Cristina Jorge, Nanci Valadares de Carvalho, Humberto Adami, Sonia Guimarães.

DIREÇÃO EDITORIAL E EXECUTIVA: Jornalista Francisca Rodrigues (MTB. 14.845 – francisca@afrobras.org.br)

EDITORIA: Carla Nascimento (carla@afrobras.org.br)

FOTOGRAFIA: J.C. Santos e Divulgação

COLABORADORES: Rosenildo Gomes Ferreira (rosenildoferreira@revistadinheiro.com.br), Silvana Silva (silvana.silva@uol.com.br), Rafael Pirrho (rafaelpirrho@hotmail.com), Marta Reis.

ASSINATURA: Taíse Oliveira (taise@afrobras.org.br) Tel. (11) 3229 4590

PUBLICIDADE: Maximagem Mídia Assessoria em Comunicação. Tel. (11) 3229 4590

CAPA: Foto - Getty Images/AFP

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Teresa Lucinda Ferreira de Andrade
CTP, IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

A revista Afirmativa Plural é uma publicação da Afrobras. A Editora não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e matérias assinadas. A reprodução desta revista no todo ou em parte só será permitida com autorização expressa da Editora e com citação da fonte.

ERRAMOS

Diferentemente do que foi publicado em “A invisibilidade do negro” (Afirmativa nº 30), a modelo retratada na página 15 é Yara Oliveira.

A viagem de um ídolo!

Agosto de 2009. Um mês em que milhões de fãs esperavam rever o grande astro do pop nos palcos, com um show que certamente ficaria marcado para sempre nas mentes e corações das pessoas que amavam (e amam) o “rei do pop”, Michael Jackson. Mas ele fez sua passagem dois meses antes para outra vida. Ainda que contra sua vontade, Michael Jackson cresceu sob os holofotes. Dos 5 aos 50 anos criou, encantou, surpreendeu e provocou polêmica. Com seus clipes, Michael se tornou referência máxima do gênero e um dos pilares da cultura pop. “O mais esperançoso sinal de que as barreiras entre música branca e negra - e entre brancos e negros - um dia serão vencidas”, publicou uma vez o jornal americano *The New York Times*.

do. Embora aconteçam muitos casos como esse do Januário de Santana, o negro está conseguindo mudar sua vida. Tem estudado, galgado degraus na sociedade, conquistado espaços. E vai continuar mudando, pois na verdade, os negros sempre foram guerreiros, revolucionários.

E é o que nos mostra a matéria Negros na História. É fato que a História e os historiadores vêm reenvendo e “descobrindo” os heróis negros que, diga-se, foram muitos, assim como as revoltas que eles lideraram e das quais participaram de forma decisiva. Além disso, o que dizer da efetiva participação dos negros em revoltas e revoluções populares já conhecidas, mas nas quais o papel do negro foi simplesmente esquecido?

Mas o mês de agosto, como muitos falam, parece mesmo não ser o mês da sorte. Também trouxe tristeza para o segurança e técnico em eletrônica, Januário Alves de Santana. Ele foi agredido por seguranças do supermercado Carrefour, em Osasco, na Grande São Paulo, ao ser confundido com ladrões e considerado suspeito de roubar seu próprio carro. Há um pequeno detalhe que devo citar: Januário é negro.

Agosto é um mês difícil, dizem os místicos. Mas para os negros, principalmente os brasileiros, todos os meses são difíceis, tendo que enfrentar o preconceito no trabalho, nas ruas e em muitos locais onde a cor da pele parece fazer a diferença para o tratamento, pelo menos cordial entre as pessoas.

“Mas isto pode mudar”. Este foi o lema inicial da ONG Afrobras e que, graças a Deus, parece estar funcionan-

Outra mudança para os negros foi o resultado do SPFW – São Paulo Fashion Week, um dos maiores eventos de moda da América Latina, cujo tema foi capa da nossa última edição da Afirmativa. De acordo com o texto de promoção do arquivamento, ficou constatado, após a última temporada do SPFW, realizada em junho deste ano, que em todos os desfiles houve a participação de modelos afrodescendentes. No total foram 12,8% contra os aproximadamente 3% da época em que foi instaurado o inquérito.

O texto de encerramento do Ministério Públlico diz que a igualdade entre as pessoas, mais do que utopia legal, é possível de se realizar. Basta boa vontade!

Boa leitura.

*Francisca Rodrigues
Editora Executiva*

ditorial



Nosso compromisso é
construir o melhor
banco no País, para você
e junto com você.





Nós do Santander e do Banco Real queremos assumir um compromisso com você: um compromisso com as boas ideias. As suas, as de cada um de nós que trabalha no banco, enfim de todo mundo. Ideias que fazem bem para sua vida, para a sociedade e para o meio ambiente. Ideias que inovam em tudo. No jeito com que você se relaciona com seu banco e com seu dinheiro. Porque mais importante do que ser um grande banco é ser um banco de grandes ideias, daquelas que tornam sua vida ainda melhor.

Junte-se a nós: www.gruposantanderbrasil.com.br

 Grupo Santander Brasil

Valorizando ideias por uma vida melhor.



BANCO REAL

 Santander





experiência

de inovar

Por Silvana Silva

Mimoso do Sul, no Espírito Santo, tem menos de 30 mil habitantes. Lá, em uma oficina de bicicletas, um menino sonhava ser gerente do Banco do Brasil. Foi mais longe do que pensava. Hoje, Júlio Cezar Alves de Oliveira é o presidente da Brasilveículos, seguradora do Banco do Brasil, e trabalha para colocar a empresa entre as três maiores do setor, usando a inovação como arma principal. Por suas ações e resultados foi duplamente

homenageado na premiação do Empreendedor Brasil 2009: levou os prêmios da categoria Empreendedor do Ano para casa e o de Inovação e Empreendedorismo para o banco.

Júlio Cezar de Oliveira estudou Direito, mas acabou fazendo várias especializações em Administração. Entre as inovações que implementou estão a venda de seguros por corretores independentes, fato novo na história do banco, nesse segmento;

lançamento da apólice para motos de alta cilindrada; entrada no mercado de caminhões e um seguro de carros só para jovens.

Leia a entrevista que ele concedeu à Afirmativa Plural:

Afirmativa - *Por que mudou de rota, trocando o Direito pela Administração?*

Júlio Cezar - Sempre quis ajudar as pessoas e o direito me propor-



Foto: Divulgação

cionaria isso. A opção pela administração decorreu após meu ingresso no Banco do Brasil. Percebi, pela cultura dessa instituição, que todas as tarefas exigiam organização e racionalização, por isso cursei Administração.

Afirmativa - Qual era sua expectativa ao entrar no Banco do Brasil?

Júlio Cesar - Era ser igual ao gerente do BB de minha cidade, devido ao respeito que a população tinha por ele. Não era só a sua figura, mas também pela grandeza da instituição.

Afirmativa - Para entrar no banco você prestou concurso. Os concursos servem para evitar preconceitos?

Júlio Cesar - Nem sempre, pois no Brasil o preconceito, embora dissimulado, ainda existe e geralmente as pessoas que vêm de classes sociais mais sofridas, via de regra, não possuem a preparação adequada para os concursos e nem condição financeira para se prepararem.

Afirmativa - Na sua trajetória, a cor da pele fez alguma diferença?

Júlio Cesar - A cor da pele quase sempre traz dificuldades no Brasil. O preconceito ainda impera e da pior forma possível, que é aquela dissimulada. Eu não sei o que é pior, se o preconceito da cor ou o decorrente da condição social, que geralmente se confundem.

Afirmativa - O senhor é favorável às cotas nas universidades?

Júlio Cesar - Eu sou favorável que todos tenham as mesmas oportu-

“ A cor da pele quase sempre traz dificuldades no Brasil. O preconceito ainda impera e da pior forma possível, que é aquela dissimulada. **”**

tunidades desde o nascimento, com o estudo básico necessário, alimentação digna e atendimento à saúde. As cotas são um modo de minimizar as consequências de um erro na origem. Mas é inegável que constitui um primeiro passo, que acredito que terá continuidade.

Afirmativa - Exemplos como o seu servem de estímulo para jovens negros?

Júlio Cesar - Sim, pois percebemos que é possível conseguir o que queremos. Só dependemos de nós para que, politicamente, sejam criadas as oportunidades que se façam necessárias.

Afirmativa - O que é ser um bom empreendedor?

Júlio Cesar - Ter obstinação, determinação e vontade de fazer as coisas acontecerem de maneira correta. É lutar por aquilo que se acredita, quebrando paradigmas.

Afirmativa - Inovação hoje é palavra de ordem. Como inovar num mundo onde “aparentemente” tudo já foi feito?

Júlio Cesar - Inovar significa fazer o que sempre fizemos de forma diferente. A receita é acreditar no novo.

Afirmativa - A Brasilveículos investe também em ações sociais. Qual projeto o senhor considera mais importante?

Júlio Cesar - A Brasilveículos realiza diversas ações sociais que vão desde patrocínios às artes e esportes a apoio a projetos em comunidades de baixa renda. O projeto “Juramento Crescendo com Cristo” no Morro do Juramento, em Vicente de Carvalho, no Rio de Janeiro, desde 2004, contabiliza 1,5 mil pessoas e realização de oficinas de artesanato, aulas de reforço escolar, distribuição de cestas básicas, educação ambiental e atividades culturais. A empresa promove ainda a Rede Cidadania, levando cultura e lazer para os 15 mil moradores da comunidade, além de diversas outras campanhas ao longo do ano.

Afirmativa - Ser presidente e ouvidor de uma empresa não é comum. Essa é a melhor saída para quem quer de fato administrar pensando no cliente?

Júlio Cesar - Toda empresa que se preza tem que ter seu foco no cliente, desde o funcionário mais humilde até os seus altos executivos. Nosso sucesso depende de como atendemos às expectativas dos nossos consumidores, seja na venda, seja no pós-venda. E é o que eu pratico diariamente na Brasilveículos e exijo de meus colaboradores. Meu tempo é destinado a isso. ■

"Desde pequena eu gosto de cozinhar. Só não imaginava que um dia eu estaria no Programa Nutrir fazendo a merenda de 430 alunos. Quando vejo o entusiasmo das crianças em experimentar coisas novas e saber mais sobre alimentação, é como um presente para mim.

O Nutrir é contagiente. Ele une o setor pedagógico da escola com a merendeira, nos dá conhecimento e valoriza cada uma de nós. Para mim, é a escola de crescer como gente."

Rita de Cássia, Natal, RN

Merendeira

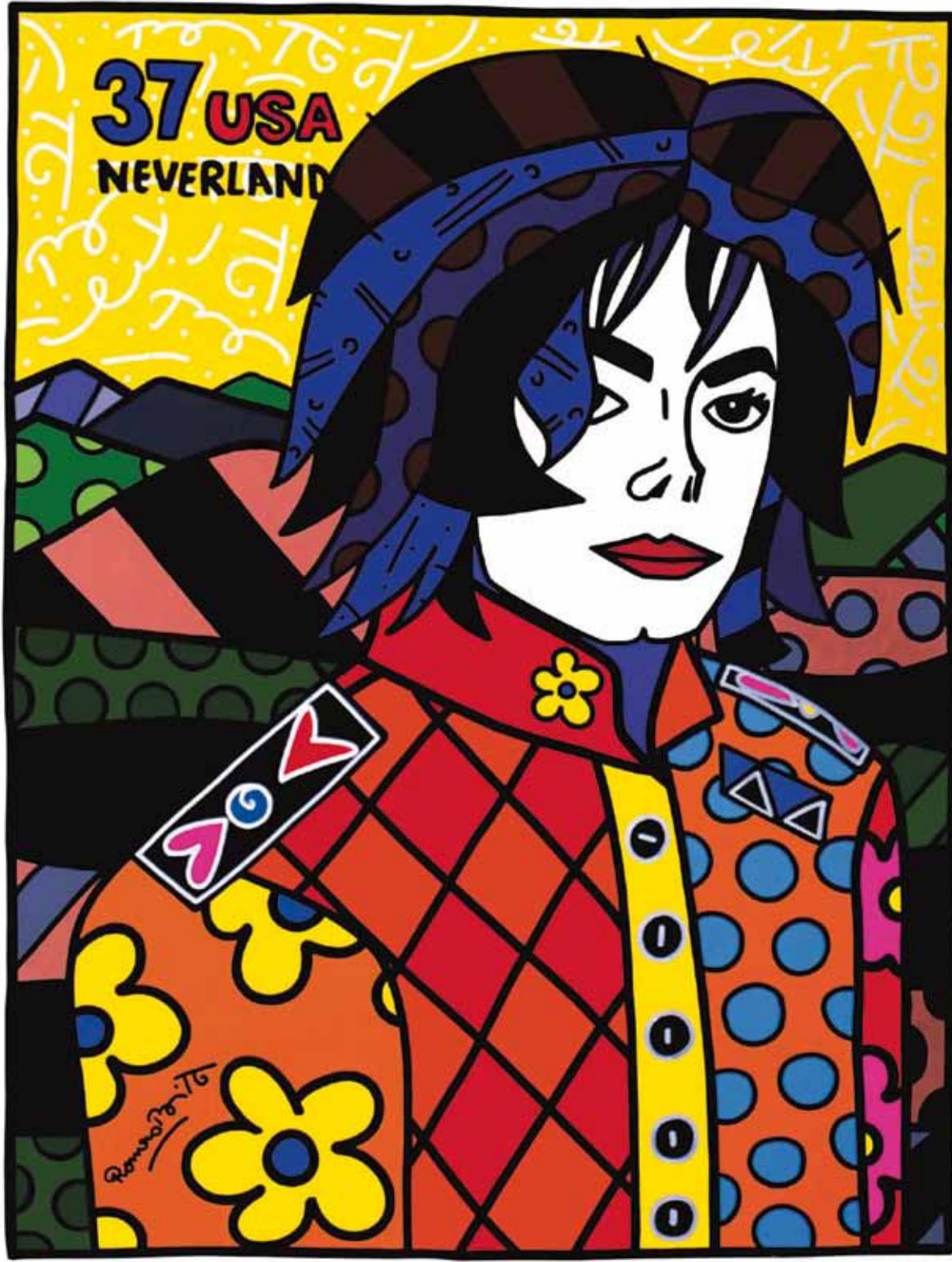


Nestlé faz bem
10 NUTRIR
Um *nutrit'*

O Programa Nutrir da Nestlé completa 10 anos de trabalho voltado para o combate à desnutrição e à obesidade em comunidades de baixa renda do país. Conheça mais sobre essa iniciativa que já capacitou 11 mil educadores e beneficiou 1,2 milhão de crianças. www.nestle.com.br/nutrir

 **Nestlé**
Good Food, Good Life





Retrato de Michael Jackson com Neverland ao fundo. Autoria do artista brasileiro Romero Britto



Michael Jackson: o maior ídolo pop da história

Por Silvana Silva

Em agosto passado Michael Jackson completaria 51 anos de idade. Estaria no meio de uma temporada de 50 shows, anunciada como a última e aguardada com imensa expectativa por milhões de fãs em todo o mundo. O astro saiu de cena antes do previsto. Não houve estréia.

Agora, parece que tudo já foi dito. O que sobra é especulação. Mas falar de intrigas de família e intimidades do cantor não faz sentido. Não foi isso que o transformou no “Rei do Pop”. Ao jornalista inglês Martin Bashir, ele revelou que se via como Peter Pan, o personagem da história infantil que se recusa a crescer. Ainda que contra sua vontade, Micha-

el Jackson cresceu sob os holofotes. Dos 5 aos 50 anos criou, encantou, surpreendeu e provocou polêmica.

No livro “1001 discos para ouvir antes de morrer”, selecionado por 90 críticos, Michael Jackson aparece três vezes, com “Off The Wall” (1979), “Thriller” (1982) e “Bad” (1987). O primeiro marcou o início da parceria com Quincy Jones e vendeu mais de 20 milhões de cópias. Com esse álbum o cantor se aproximou do ritmo da discoteca e explorou temas mais adultos. Segundo o livro, esse trabalho foi “a Pedra de Roseta para tudo que se fez depois”. Com “Off The Wall” Jackson acabou com a divisão que

separava a música negra e a música branca nos EUA.

“Thriller” alcançou estatísticas impressionantes. Mais de 100 milhões de cópias foram comercializadas. Rendeu 140 discos de ouro e platina. Das nove faixas, sete chegaram ao Top 10 da Billboard. Repetir infinitamente esses resultados, porém, era impossível, mas “Bad”, lançado em 1987, não fez feio. Teve cinco canções nos primeiros lugares das paradas de sucesso.

Michael Jackson parecia ter o Toque de Midas, mas nos bastidores o cantor era um indivíduo disciplinado, esforçado, perfeccionista e um homem de visão. Foi o primeiro



Foto: Divulgação

Retrato de Michael Jackson do artista brasileiro Romero Britto

artista a acreditar no potencial da linguagem dos clipes. O primeiro, “Beat It”, não teve o apoio da gravadora. Os US\$ 150 mil da produção foram custeados pelo cantor. “Thriller”, lançado um ano depois, era o mais ambicioso projeto do artista até então. Além de triplicar as vendas do disco, se tornou referência máxima do gênero e um dos pilares da cultura pop. “O mais esperançoso sinal de que as barreiras entre música branca e negra - e entre brancos e negros - um dia serão vencidas”, publicou na época o jornal americano *The New York Times*.

Causas humanitárias

O ídolo pop tinha também uma vida paralela, dedicada a causas humanitárias. Em 2001, recebeu do Guinness Book o título de artista que mais contribuiu com obras de caridade em toda a história. USA for África, que fez 44 cantores entoarem juntos “We are the World”, arrecadou mais de US\$ 50 milhões para combater a fome que assolava a Etiópia. Mas essa não foi sua única ação nesse sentido. O cantor enviou 40 toneladas de medicamento para Sarajevo, na Bósnia; contribuiu com projetos de educação na Índia; e deu apoio às ações da Fundação Nelson Mandela. Em 2002, lançou um ál-

bum especial: “What more can I give” para ajudar as famílias das vítimas do 11 de setembro.

Cantor, compositor, dançarino, músico, coreógrafo... Talvez o “Rei do Pop” fosse mesmo aquele que o brasileiro Romero Britto, um dos ícones da pop art, retratou em tela: quase um mosaico.

Talento e polêmicas

A morte do astro provocou uma verdadeira corrida às lojas. Um retrato do cantor feito pelo artista Andy Warhol em 1984 foi levado a leilão cujos lances iniciais superaram US\$ 1 milhão. A TV mostrou





trechos dos ensaios que o astro fez para a prometida turnê e, na internet, foi divulgado o refrão de uma canção inédita: "Place with no name", inspirada no gênero soul, adotado nos anos 70 pelo cantor. Restaria ainda uma série de composições e gravações prontas para serem comercializadas.

Se com "This is it" Michael Jackson pretendia encerrar a carreira

de shows, o que se observa após sua morte é que os fãs ainda esperam muito mais dele. No final, o talento superou as polêmicas.

Discografia de Michael Jackson

Michael Jackson é o artista solo que mais vendeu discos no mundo, mais de 200 milhões de cópias. Do mais

importante de seus álbuns, "Thriller" (1982), foram prensadas mais de 100 milhões. Em sua fase menos popular, o cantor vendeu oito milhões de discos com "Invincible" (2001), seu último lançamento de inéditas.

A carreira solo do cantor foi iniciada em 1970. Em 1972, ele foi eleito o melhor vocalista masculino do ano por seu primeiro disco solo, "Got to Be There".

“Got To Be There” (1972)



O disco, com dez músicas, marcou o primeiro registro da carreira solo do músico, então conhecido por liderar os irmãos no grupo Jackson 5.

“Ben” (1972)



Trata-se do segundo álbum solo de Jackson. O disco, com 11 músicas, foi lançado em agosto de 1972, sete meses depois de sua estréia solo com “Got to Be There”. O cantor deu preferência às baladas, gênero raro nas músicas dos Jackson 5.

“Music and Me” (1973)



“Music and Me”, lançado em abril de 1973, tem dez músicas e foi o terceiro álbum solo de Michael Jackson, lançado oito meses depois de “Ben”.

“Forever, Michael” (1975)



Apesar de se tratar do melhor álbum da primeira fase de sua carreira solo, esse quarto disco ainda estava longe da inovação provocada pelo quinto e próximo disco, “Off the Wall”.

“Off the Wall” (1979)



Dessa vez Jackson deu uma pausa de quatro anos para só então lançar o primeiro fenômeno de vendas de sua carreira. “Off the Wall” é o primeiro álbum gravado pelo cantor em idade adulta. Ele misturou disco e rhythm and blues para surpreender público e crítica. O resultado foi o topo das paradas e 11 milhões de cópias vendidas.

“Thriller” (1982)



“Thriller” é um verdadeiro marco na história da indústria fonográfica. Lançado pela Epic, em 1982, vendeu mais de 100 milhões de cópias pelo mundo até hoje. Das nove faixas, três alcançaram o topo das paradas: “The Girl is Mine”, “Billie Jean” e “Beat It”. Jackson também investiu nos videoclipes, realizando verdadeiras superproduções.

“Bad” (1987)



Foi muito bem recebido pelo público, que comprou 26 milhões de cópias. Ele ficou no topo das paradas em 25 países.

“Dangerous” (1991)



“Dangerous” é o primeiro álbum lançado por Michael Jackson na década de 90. O cantor surpreende novamente ao vender mais de 30 milhões cópias até hoje.

“HIStory: Past, Present and Future Book I” (1995)



Trata-se de um álbum duplo lançado por Jackson que reúne trinta canções. No primeiro disco (HIStory Begins), há uma seleção de sucessos remasterizados. O segundo (HIStory Continues) tem músicas inéditas desde “Dangerous”.

“Invincible” (2001)



“Invincible” reúne dezesseis canções inéditas e oito milhões de discos vendidos, seu pior desempenho desde “Off the Wall (1979)”. ■

povo negro e a nova história

Por Carla Nascimento, da redação

Há menos de 10 anos, o estudo da história do Brasil nas escolas submetia os alunos negros a verdadeiros momentos de constrangimento. Afinal, ouvir que a única revolta negra em mais de 300 anos de escravidão foi aquela liderada por Zumbi dos Palmares, ou que os negros eram mais “adaptáveis” à escravidão estava longe de ser confortável aos ouvidos e de fazer bem à autoestima.

Aos poucos essa realidade vem mudando. O processo vem sendo lento, mas é fato que a História e os historiadores vêm revendo e “descobrindo” os heróis negros que, diga-se, foram muitos, assim como as revoltas que eles lideraram e das quais participaram de forma decisiva. Além disso, o que dizer da efetiva participação dos negros em revoltas e revoluções populares já conhecidas,

mas nas quais o papel do negro foi simplesmente esquecido?

Hoje, os historiadores são unâni- mes em apontar que a formação de grupos de escravos fugitivos se deu em toda parte do Novo Mundo onde houve escravidão. No Brasil esses gru- pos conseguiram congregar milhares de pessoas. O maior e mais famoso foi Palmares, mas existiram muitos outros pelo País afora. Além dos qui-

“E o povo negro entendeu
Que o grande vencedor
Se ergue além da dor
Tudo chegou
Sobrevivente num navio
Quem descobriu o Brasil
Foi o negro que viu
A crueldade bem de frente
E ainda produziu milagres
De fé no extremo ocidente”

“Milagres do Povo”, Caetano Veloso



Revolução Constitucionalista de 1932 em quadrinhos / Maurício Pestana/Imprensa Oficial

lombos, as revoltas foram freqüentes e reprimidas brutalmente, afinal, para os senhores, quilombolas e escravos revoltosos eram péssimos exemplos.

Apesar disso, nada detinha as fugas e a formação de quilombos. Nas palavras do historiador João José Reis, no artigo “Quilombos e Revoltas Escravas no Brasil” (Revista USP, nº 28, 1994), as fugas e os quilombos “eram parte irremovível de relações sociais fundadas na violência do chicote...”

Segundo Reis, no Brasil, as revoltas de escravos se tornaram mais

frequêntes a partir do final do século 18, favorecidas pela expansão das áreas dedicadas à agricultura de exportação e pela consequente intensificação do tráfico escravo, que fez crescer a população cativa.

Se nossa história é rica em revoltas no período da escravidão, o mesmo se pode dizer da participação dos negros após a Abolição. Contudo, inversamente proporcional a essa participação é o reconhecimento, pela história oficial, da presença

negra em fatos que foram decisivos para a formação da nação.

Na opinião do historiador Wilson Roberto de Mattos, professor da Universidade Estadual da Bahia e Doutor em História pela PUC/SP, não há como se falar em revoltas na época colonial e no período imperial sem participação negra. “Os negros eram a maioria da população, portanto, todas as revoltas tiveram a participação dos negros. Essa participação não foi destacada porque não era do interesse das elites



Revolução Constitucionalista de 1932 em quadrinhos / Maurício Pestana/Imprensa Oficial



MAS O NEGRO
NÃO SE FEZ PRESENTE NA
REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA
APENAS NA LEGIÃO NEGRA. HAVIA
NEGROS ESPALHADOS POR TODA A
FORÇA PAULISTA. SE A LEGIÃO
CONTAVA COM APROXIMADAMENTE
DOIS MIL HOMENS, PELO MENOS
MAIS DEZ MIL NEGROS
COMBATERAM EM OUTRAS
PARTES.



É BOM LEMBRAR
QUE UM DOS PRINCIPAIS
COMANDANTES DA REVOLUÇÃO
CONSTITUCIONALISTA ERA
NEGRO. ELE SE CHAMAVA PALI-
MERCIO DE REZENDE. FOI CORO-
NEL E ATÉ JÁ HAVIA CHEFIADO A
SECRETARIA DE JUSTIÇA
DEPOIS DA REVOLUÇÃO
DE 1930.



mostrar que as populações negras e pobres, de modo geral, participaram de todos os momentos de construção da nação e da idéia de identidade brasileira.”

Na opinião do historiador, dois conflitos sobre os quais a historiografia se calou com relação a participação negra foram a Conjuração Baiana (Revolta dos Búzios ou Revolta dos Alfaiates) e a Guerra de Canudos. “A Conjuração Baiana é um momento decisivo da construção de liberdade e Canudos também foi um momento crucial no qual a República brasileira estava se configurando”, avalia.

A construção do cotidiano

Apesar de acreditar ser de fundamental importância o resgate da participação negra em processos singulares da história, Mattos considera que o papel mais importante que a historiografia mais recente vem cumprindo com relação ao povo negro é o de elevar essa população à condição de sujeito e de protagonista no processo histórico. “Houve participação de negros em todos os processos históricos da construção da nação. No cotidiano, na construção de técnicas produtivas, na organização da política e na edificação dos valores. A nova historiografia vem elevando a população negra ao estatuto de sujeito histórico. Isso é o mais importante”, diz.

Da mesma opinião é Silvana Barbaric, professora da Faculdade Zumbi dos Palmares, de São Paulo, e Mestre em História Social pela PUC-SP. “A nova historiografia vem desconstruindo

do a concepção que era vigente até então, de que não se tinha uma memória negra”, diz. Para ela, o fato de mostrar os negros como agentes da história é um ponto fundamental que a nova historiografia está trabalhando muito. “Isso não quer dizer que estamos sectarizando. Não estamos pensando em uma história particularizada. A idéia é virar os holofotes para outros sujeitos históricos”, analisa.

De onde vem a nova história

Essas mudanças que começam a ser percebidas hoje nos livros e nas salas de aula não aconteceram do dia para a noite. Elas fazem parte de um processo ainda em curso. Mattos aponta a tematização dos 100 anos da Abolição, em 1988, como um marco importante desse processo.

As reivindicações do movimento negro na tematização dessa data e a prática de uma ação política que coloca o negro como protagonista na história foi fundamental para que se começasse a construir essa nova história”, avalia. Um número maior de estudantes negros nas universidades também é apontado pelo professor como um fator fundamental, a medida em que esses alunos passaram a questionar a história até então contada e os professores tiveram que buscar respostas às questões levantadas.

O historiador avalia que o fato de muitos desses alunos terem dado continuidade a uma carreira acadêmica também é um aspecto relevante para a emersão dessa nova história, pois por meio das teses de mestrado e

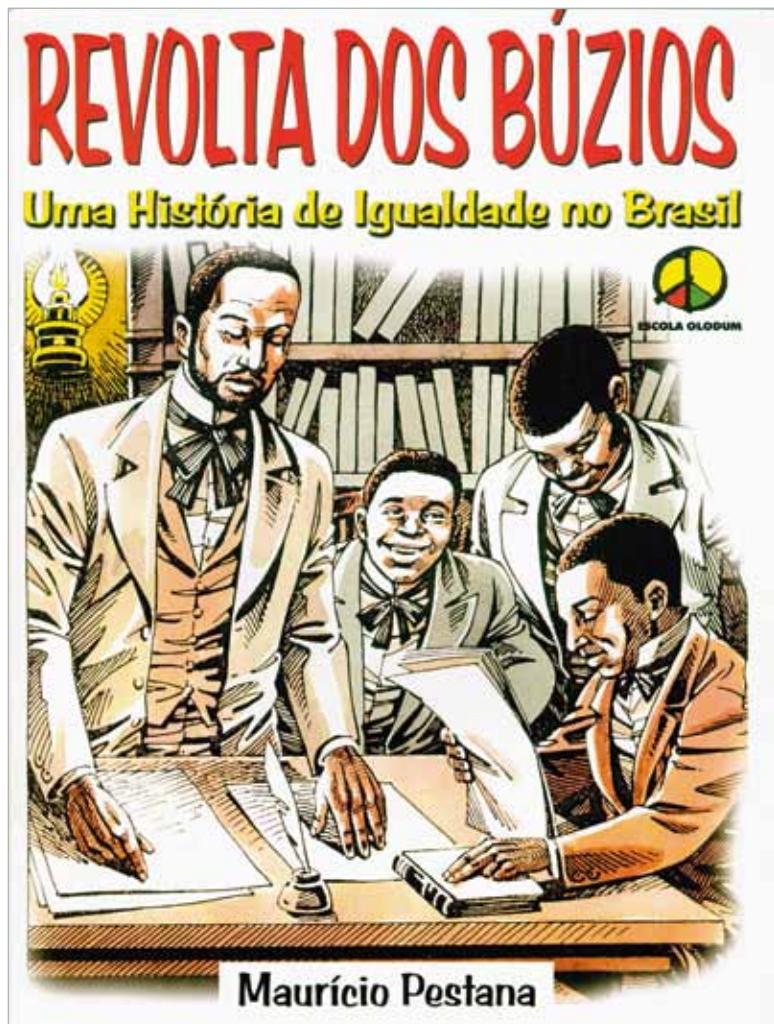
doutorado houve uma nova produção sobre o tema. Atualmente o professor acredita que está em curso o que ele chama de “autonomização” dessa produção, pois intelectuais negros passaram a ter acesso a outras fontes de conhecimento e informação, levando à configuração de um novo campo de conhecimento e de possibilidades de produção de conhecimento a partir das próprias experiências. “Dá para perceber que estamos ensaiando um campo referencial”, afirma.

Tem negros nessa história?

“Zumbi em Alagoas comandou Exército de ideal Libertador Sou mandinga Balaiada Sou malê Sou búzios Sou revolta Arerê”

“Revolta Olodum”, José Olissan, Domingos Sérgio

O cartunista Maurício Pestana lançou no dia 8 de julho a obra “Revolução Constitucionalista de 1932 em Quadrinhos”, publicado pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, sobre o conflito que aconteceu em São Paulo, opondo uma frente de civis paulistas e o governo provisório de Getúlio Vargas, a favor da promulgação de uma nova Constituição e da redemocratização do País.



Apesar de ainda ser um fato histórico pouco destacado nas escolas, o que mais surpreendeu na cartilha foi o enfoque dado por Pestana. O livro, que traduz para a linguagem dos quadrinhos o maior conflito armado envolvendo civis no Brasil, mostra que a participação negra não foi pequena. A obra será distribuída nas escolas públicas de São Paulo.

"Uma das coisas que me surpreendeu foi a importância que a comunidade negra tinha junto aos poderes constituídos. O governador foi até a sede da Frente Negra pedir apoio dos

negros. Essa respeitabilidade que tinha era forte. Um governador ir até a sede de uma instituição negra e pedir apoio dos negros e alguns dizerem não me surpreendeu", diz.

Entre os achados da pesquisa de Pestana para a confecção do livro está a revelação de que um dos principais homens da revolução, o Coronel Palimercio de Rezende, era negro.

Autor de vários outros trabalhos que enfocam a história do negro no Brasil, Pestana diz que resgatar o papel dos negros na Revolução de 32 foi muito marcante porque teve um

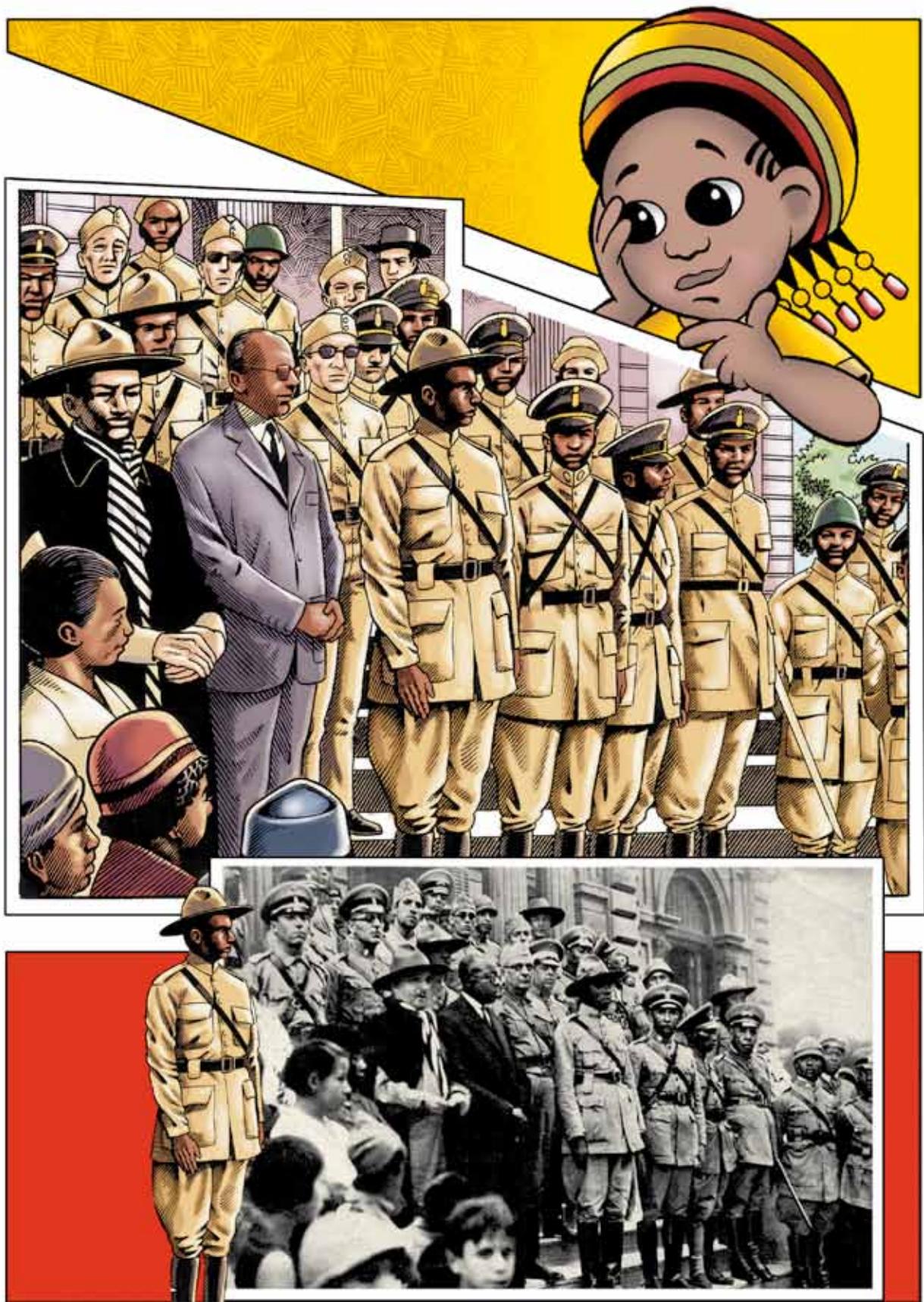
apelido de mídia grande. "Só o fato de você aparecer como cartunista negro já marca. Por que quando nós olhamos pra mídia, cadê a presença do negro? Nós não temos muitas referências negras. Considerando isso, eu acredito estar cumprindo dois papéis. Primeiro, o fato de ser negro e falar de uma forma tranquila sobre o assunto. Você passa a ser um referencial para essas crianças. Outro trabalho é começar a resgatar os heróis negros. Nós temos Zumbi, mas a história do Brasil é muito rica em heróis negros. E essa história precisa ser contada".

Lanceiros negros

Em Porto Alegre (RS), a produtora Patricia Brito e o diretor e roteirista Caio Batista também estão, assim como Pestana, desenvolvendo um trabalho visando os estudantes das escolas públicas para contar um outro episódio da história no qual a presença do negro também foi escamoteada.

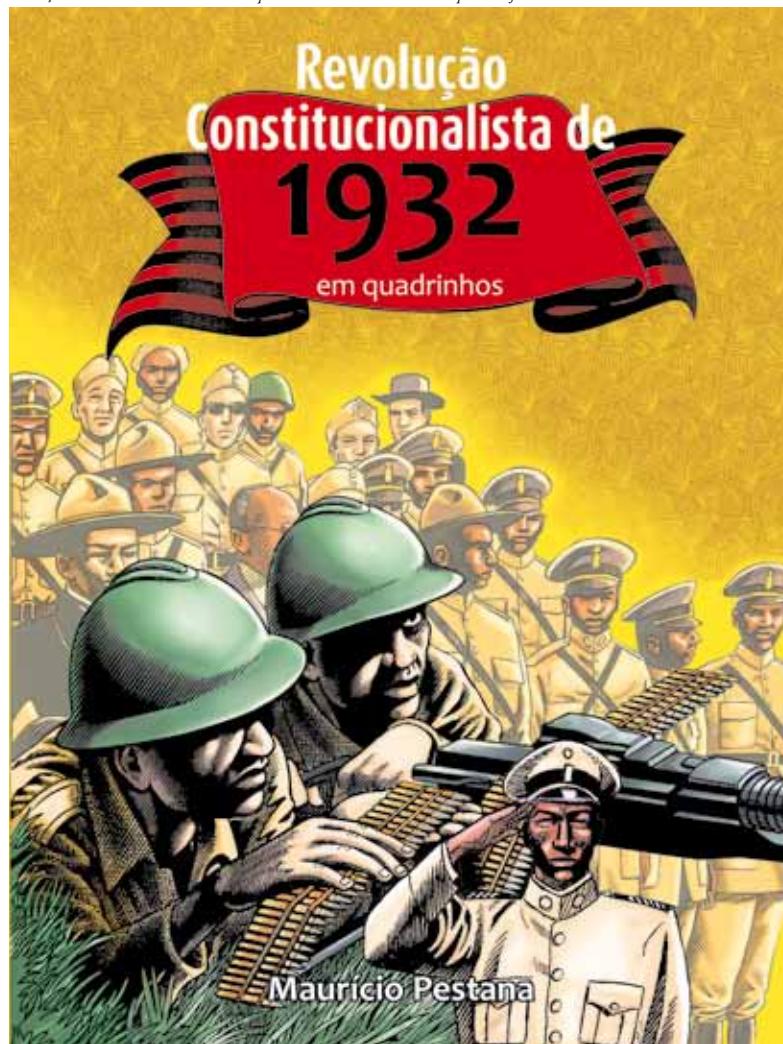
Desde 2006 a dupla está trabalhando no roteiro e na captação de recursos para realizar o documentário "Lanceiros Negros – O preço da liberdade", um filme de média-metragem, captado e finalizado em vídeo com duração de 30 minutos.

O filme pretende mostrar o que aconteceu no Massacre dos Porongos, um dos episódios mais sangrentos da Revolução Farroupilha (revolta que aconteceu entre 1835 e 1845, no Rio Grande do Sul, opondo estancieiros e o Império brasileiro), no qual um corpo



Revolução Constitucionalista de 1932 em quadrinhos / Maurício Pestana/Imprensa Oficial

Revolução Constitucionalista de 1932 em quadrinhos / Mauricio Pestana/Imprensa Oficial



de soldados chamados de Lanceiros Negros foi traído e massacrado.

“O filme já está gerando discussões e algumas polêmicas. Isso comprova que um ponto de vista novo sobre um assunto conhecido e, que já tem uma verdade aceita e estabelecida, agita o padrão histórico consagrado, até então protegido, seguro e confortavelmente instalado na oficialidade incontestável de sua interpretação”, diz o diretor.

Segundo Caio, levar essa história para as salas de aula é fundamental, pois apesar de já ser um tema conhecido,

essa abordagem não saiu do universo acadêmico. “O que queremos é que isso saia das universidades”, afirma.

No livro “Lanceiros Negros”, os jornalistas Geraldo Hasse e Guilherme Kolling (JÁ Editores) afirmam que os lanceiros negros foram organizados como tropa regular a partir da batalha de Pelotas, em abril de 1836, quando os farrapos fizeram centenas de prisioneiros, entre eles muitos negros, que constituíam a maioria da população do município. Com a promessa de liberdade no final da guerra, os lanceiros transformaram-se

na vanguarda das tropas farroupilhas. A medida que a guerra se aproximava do fim, eles se tornaram mais numerosos. Segundo alguns historiadores, no final da guerra eles totalizavam mais de mil soldados.

Ocorrido em 1844, na zona rural de Pinheiro Machado, durante o massacre os Lanceiros Negros foram mortos pelas tropas imperiais de Luis Alves de Lima e Silva, futuro Duque de Caxias, em 1844. As causas do massacre sempre geraram grande polêmica. Em uma das versões, o grupo teria sido surpreendido pela tropa imperial que tinha como objetivo somente os soldados negros, que representavam um empecilho à paz, já que o Império não concordava com a libertação dos escravos após o fim da guerra. A outra versão é a de que houve traição e a tropa imperial teria a conivência de alguns chefes “farrapos”.

Para o cineasta Caio Batista, o motivo do massacre foi o receio de que, com o fim da guerra, os negros, organizados e armados, incitasse movimentos de libertação dos escravos.

Alguns historiadores compararam Cerro dos Porongos com a Serra da Barriga, em Alagoas, onde ficava o Quilombo dos Palmares. “Porongos não era um quilombo, foi um processo revolucionário. Mas se formos falar em importância para o resgate da memória do povo negro acredito que podemos colocar no mesmo patamar”, diz o diretor.

Guerra do Paraguai

Outro momento importante na história do País no qual a participação negra foi escamoteada foi a Guerra do

Paraguai. Considerada pelos historiadores um acontecimento central da história brasileira da segunda metade do século 19, as ações militares iniciaram-se em 12 de outubro de 1864 e terminaram em 1º de março de 1870, com a morte de Francisco Solano López, em Cerro Corá, no interior do Paraguai.

Dos 140 mil soldados brasileiros convocados para o confronto, 50 mil teriam morrido nos combates ou devido a ferimentos e doenças. A participação negra na guerra foi fundamental para as tropas brasileiras. Segundo a professora Silvana Barbaric, durante a guerra já estava em curso o processo de embranquecimento da população brasileira e de eliminação dos negros. “Os negros escravizados eram mandados para a frente de batalha sem armas e em condições desumanas antes dos demais soldados. Ou seja, eram mandados para serem eliminados. Nesse período já se falava em Abolição e a elite sabia que ela não tardaria a acontecer. Eles tinham medo de ter uma população negra grande e livre”, analisa.

Contudo, com relação à ausência dos negros da história oficial da Guerra do Paraguai, Barbaric destaca que houve um processo de invisibilidade. “Se a eliminação física dos negros não poderia acontecer de forma absoluta, que essa presença se tornasse invisível”, analisa.

Os jacobinos negros

Outro exemplo dessa “amnésia” historiográfica é a Revolta dos Búzios, ou Revolta dos Alfaiates. Ocorrida em 1798, em Salvador, essa revolta é com-

O fato de o movimento baiano ter sido liderado por negros e o mineiro por integrantes da elite são boas pistas para se pensar porque o primeiro caiu no esquecimento da história e o segundo se tornou motivo para um feriado nacional.

parada à Inconfidência Mineira e alguns historiadores chegam a considerar ter sido esse o mais radical movimento independentista ocorrido no Brasil.

Apesar de a conspiração jamais ter chegado a acontecer de fato, ela foi punida com rigor exemplar. Além de penas de desterro, foram enforca-

condenados a quinhentos açoites e vendidos para outras capitâncias.

Diversos homens brancos foram apontados como participantes ou simpáticos ao movimento. Porém, nos poucos casos em que foram inculpados, sofreram penas leves.

Contudo, para o historiador Maurício Maestri, no artigo “Bahia, 1798: a Revolução dos Jacobinos Negros” (www.espacoacademico.com.br/081/81maestri.htm), o descaso historiográfico com a conspiração baiana de 1798 não se deve ao fato de jamais ter passado aos atos, pois a Inconfidência Mineira, compara, ruiu igualmente e tem sido rememorada.

Segundo Maestri, “na Inconfidência Mineira, movimento de proprietários, escravistas, clérigos e intelectuais, apenas um conspirador, o mais humilde, foi executado. Na Bahia, conspiração de artífices, soldados e cativos, quatro de seus líderes padeceram em uma forca, levantada alguns palmos acima do habitual, para assinalar a gravidade do crime”.

O fato de o movimento baiano ter sido liderado por negros e o mineiro por integrantes da elite são boas pistas para se pensar porque o primeiro caiu no esquecimento da história e o segundo se tornou motivo para um feriado nacional. ■



Mauricio Pestana/Imprensa Oficial

dos e esquartejados os soldados Luís Gonzaga das Virgens e Lucas Dantas de Amorim, e os alfaiates João de Deus do Nascimento e Manuel Faustino dos Santos Lira. Todos eles eram negros. Os quatro condenados foram esquartejados, tiveram os corpos despedaçados expostos ao público como exemplo, suas famílias foram infamadas, por três gerações. Escravos participantes da conspiração foram

Da redação

O publicitário, cartunista, escritor e roteirista Mauricio Pestana já assinou mais de 40 publicações no Brasil e no exterior. Ao longo dos quase 30 anos de carreira, o tema recorrente de sua obra tem sido a história do povo negro no Brasil. Seu mais recente desafio foi transpor para a linguagem dos quadrinhos o maior conflito armado envolvendo civis da história brasileira: a Revolução Constitucionalista de 1932.

Mais uma vez seu comprometimento com o resgate da cidadania e do papel dos negros em nossa história se fez presente. Além de passar para as crianças e jovens, por meio de uma linguagem leve e acessível, esse movimento que aconteceu em São Paulo, no início do século passado, mas ainda pouco conhecido da história brasileira, Pestana resgatou a importância da participação dos negros nesse fato histórico importante.

Leia a entrevista que ele concedeu à revista Afirmativa Plural.

Afirmativa - Que tipo de dificuldade você encontrou para resgatar a participação negra na Revolução de 32?

Mauricio Pestana - Para esse trabalho, especificamente, a maior dificuldade foram as referências bibliográficas. Dos 35 livros que eu pesquisei eu só encontrei dois que fa-

história contada em quadrinhos

lavam ou davam destaque para a presença dos negros nesse conflito. Mas, eu tive acesso a fotos que mostravam a participação dos negros, o que facilitou na hora de fazer os desenhos.

Afirmativa - Você também fez mais dois trabalhos nessa mesma linha. Um sobre a Revolta dos Búzios e outro sobre a Revolta da Chibata. As dificuldades foram as mesmas?

Mauricio Pestana - Cada um desses trabalhos teve suas peculiaridades. Para recontar a história da Revolta dos Búzios, que aconteceu na Bahia no século 18, o problema foi encontrar imagens. Não há fotografias nem desenhos e o meu trabalho é muito visual, é o de restaurar, trazer com imagens os fatos do passado. No caso da Revolta da Chibata, o meu maior problema foi me ater ao fato específico do levante. O João Cândido, líder da revolta, era um personagem fascinante. A história dele é muito mais fantástica e extrapola a revolta. Ele era um retrato vivo do século 20.

Afirmativa - O que te surpreendeu ao resgatar a Revolução de 32?

Mauricio Pestana - Eu fiquei muito surpreso com a importância que a comunidade negra tinha junto aos poderes constituídos. O governador foi até a sede da Frente Negra pedir apoio aos negros e, mais que isso, alguns disseram não. Isso me surpreendeu muito. Essa respeitabilidade que havia para com uma entidade negra foi uma descoberta que me fez pensar como é que a gente pode fazer para recuperar isso hoje. Em que pese a importância do nosso voto na escolha dos nossos governantes, atualmente nós negros não temos essa respeitabilidade como movimento organizado.

Afirmativa - Você vem fazendo trabalhos que têm como público alvo as escolas. Como tem sido a recepção?

Mauricio Pestana - Esse livro sobre a Revolução de 32, especificamente, foi muito marcante porque teve um apelo de mídia muito grande. Só o fato de você

aparecer como cartunista negro já marca. Porque quando nós olhamos para mídia, cadê a presença do negro? Nós não temos muitas referências negras.

Afirmativa - *Houve alguma mudança na demanda dos seus trabalhos depois da aprovação da lei 10.639/03, que estabelece o ensino da cultura e da história do negro nas escolas como obrigatório?*

Mauricio Pestana - Eu sempre tive uma produção muito grande. Isso a lei não influenciou. Mas as editoras vêm me procurando pra reproduzir meus trabalhos nos livros didáticos. Percebo que hoje existe uma preocupação que antes não havia.

Afirmativa - *Qual fato histórico você tem vontade de resgatar?*

Mauricio Pestana - Eu venho fazendo muitos trabalhos que estão ficando dispersos. Já falei sobre o negro no Rio Grande do Sul, na Bahia, em Santos e em Salvador. Agora eu quero catalogar todo esse trabalho. Quero mostrar para o Brasil a presença dos negros em todas essas revoltas.

Afirmativa - *Faz diferença a história de negros contada por negros?*

Mauricio Pestana - Quando você lê um trabalho sobre negros escrito por um negro, você percebe que há diferença, sobretudo quando o autor tem uma militância. É inevitável, você percebe que há uma maior preocupação, quando o autor é negro, é diferente. ■

Foto: Divulgação

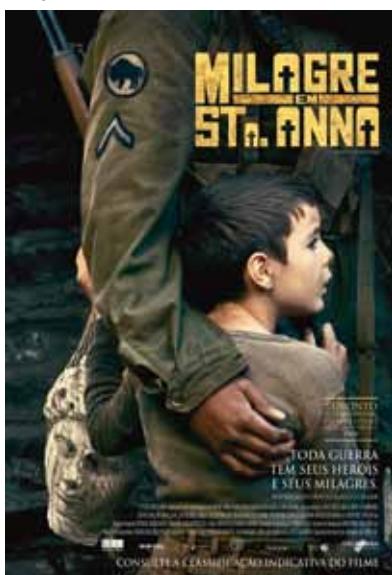
Da redação

—ora das telas de cinema

Divulgação

Em outubro de 2008 chegou às telas dos cinemas “Milagre em St. Anna”, do diretor americano Spike Lee. O filme foi uma resposta do cineasta ao colega Clint Eastwood, que não colocou nenhum ator negro em dois filmes sobre a Segunda Guerra Mundial: “A Conquista da Honra” e “Cartas de Iwo Jima”.

“Clint Eastwood fez dois filmes sobre Iwo Jima que duram mais de quatro horas no total e nos quais não aparece nenhum ator negro. Caso vocês, repórteres, tivessem coragem,



perguntariam por que agiu desta forma”, declarou Lee durante uma entrevista antes de lançar o filme.

Eastwood rebateu as críticas na época dizendo que faz “uma leitura histórica. Quando faço um filme baseado em uma história na qual 90% das pessoas envolvidas eram negras, como ‘Bird’ --sobre o músico Charlie Parker--, uso 90% de atores negros”, explicou Eastwood, dizendo que esse não era o caso nos filmes criticados por Lee.

“Milagre em St. Anna” é um

Divulgação



Cena do filme "Milagre em St. Anna", do diretor Spike Lee

épico que narra a história de quatro soldados membros de uma divisão do Exército americano formada apenas por negros, que passam por uma situação complicada em setembro de 1944 em plena Toscana, na Itália, depois que um deles arrisca sua vida para salvar uma criança italiana.

Baseado no romance homônimo de James McBride, que também se encarregou do roteiro, o longa-metragem dá continuidade à trajetória de Lee, de mostrar as injustiças raciais na telona, como já fez em "Faça a Coisa Certa" (1989), "Malcom X" (1992), "Todos a Bordo" (1996) e "A Hora do Show" (2000).

Para Lee, um dos aspectos mais

relevantes do roteiro foi mostrar a reação da população de uma remota vila italiana ao ver uma pessoa negra pela primeira vez em suas vidas e refletir como superar as barreiras culturais.

Mandela

Retratar a vida do líder sul-africano Nelson Mandela, 91, é o próximo projeto de Eastwood. O filme, que terá o ator Morgan Freeman como protagonista, deverá ser lançado no final deste ano e mostrará como o primeiro presidente negro da África do Sul aproveitou a vitória de seu país na Copa do Mundo de rugby, em 1995, para incentivar a união nacional. É esperar para ver o que Eastwood fará com a história de Mandela. ■

Divulgação

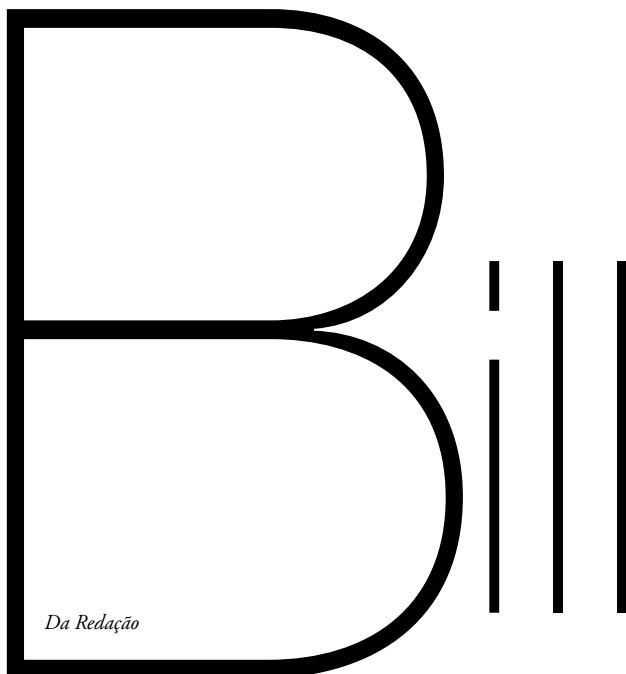


Cena do filme "Milagre em St. Anna", do diretor Spike Lee

O Despacho Urbano

N de
V V V

de



A idéia foi homenagear a favela e as crenças religiosas de origem africana, por conta da discriminação que ainda sofrem.

“Despacho urbano é um projeto audiovisual que fala por si só. Um despacho gigantesco na porta de um condomínio de luxo da Barra da Tijuca”. È desta forma contundente que o primeiro DVD de MV Bill é apresentado.

Gravado ao vivo, no Rio de Janeiro, “Despacho Urbano” mostra um MV Bill versátil, apresentando imagens do cotidiano ao som de uma mistura musical que reúne rap e rock.

O DVD representa o registro de mais de 10 anos de carreira de MV Bill, que aparece em um cenário composto de imagens e adorões pertencentes às religiões afro-brasileiras. A idéia foi homenagear

a favela e as crenças religiosas de origem africana, por conta da discriminação que ainda sofrem. “Esses assuntos são quase sempre abordados, mas nunca de forma positiva. Essa é uma maneira de mostrar a beleza que existe dentro deles”, explica.

As 10 faixas gravadas são de trabalhos anteriores e de seu disco mais recente, “Falcão – o bagulho é doido”. Além de terem sido gravadas ao vivo, a grande novidade é que elas vêm em uma nova roupagem, tocadas em versão rock. Algo pouco comum no universo do hip hop nacional, que também não foi deixado de lado, já que o novo trabalho traz a música inédita “Estilo Vagabundo II”, além da vide-

ografia completa do artista, ensaio em estúdio e depoimentos.

Com direção de Bruno Bastos, o DVD, realizado ao longo de 2 anos, traz imagens de importantes acontecimentos no mundo e do cotidiano da favela, que dialogam com a música de MV Bill. Na faixa “Gente Estranha”, por exemplo, há imagens da ocupação feita por militares durante a campanha à Prefeitura do Rio de Janeiro.

Despacho urbano é um nome usado por Bastos há anos para designar o que é bonito em arte urbana e manifestações populares. Essa nomenclatura, a estética escolhida e o som que Bill faz casaram bem, transformando o DVD em um verdadeiro despacho urbano. ■

MTV BILL DESPACHO URBANO

Foto: Divulgação



A OPERA RAP ROCK DA FAVELA



Cerca de 80% das propriedades no Brasil dos séculos 18 e 19 pertenciam a pequenos produtores e 8 em cada 10 domicílios não utilizavam trabalho escravo. Essa é apenas uma das constatações reunidas no livro “Escravismo em São Paulo e Minas Gerais” lançado pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo e pela Editora da Universidade de São Paulo (Edusp).

De autoria dos pesquisadores Francisco Vidal Luna, doutor em Economia pela USP, Iraci del Nero da Costa, livre-docente em Economia pela mesma instituição, e Herbert S. Klein, diretor do Center for Latin America Studies, da universidade americana de Stanford, a obra é resultado de mais de 30 anos de trabalho e retoma origem, relações sociais e econômicas e estrutura demográfica dos negros que viveram em regime escravo nas duas províncias.

História revisada da escravidão

As pesquisas se concentraram principalmente na história de São Paulo e Minas Gerais, por isso as duas unidades geográficas como foco do livro. Os artigos presentes na obra foram publicados a partir da década de 70 e tomaram por base documentos da Igreja e do Estado, datados entre o início do século 18 e o final do século 19. Entre eles estão registros de batismos, casamentos, óbitos, testamentos e listas nominativas (uma espécie de censo populacional).

Os autores mostram na publicação que em 85% das residências viviam somente famílias nucleares (pai, mãe e filhos), em contradição a relatos sobre moradias habitadas por muitos familiares. Esse era o retrato predominante apenas nos domicílios em grandes propriedades, habitados pela minoria da população, ou em casos de famílias pobres.

Muitas das informações compiladas pelos pesquisadores contradizem também o consenso da história sobre a economia da época e o caso das

relações de consumo. Sabia-se, por exemplo, que a produção se voltava exclusivamente para a exportação. “Mas há evidências de que os proprietários produziam bens de consumo para o mercado interno, inclusive para os escravos”, explicou Iraci del Nero da Costa.

Segundo os pesquisadores, o livro é um dos diversos trabalhos de revisão historiográfica realizados nas últimas décadas no País, o que consideram um grande avanço e uma importante contribuição para o conhecimento da formação econômica e populacional do Brasil. ■

Escravismo em São Paulo e Minas Gerais

Autores: Francisco Vidal Luna, Iraci del Nero da Costa e Herbert Klein

Editora: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo / Edusp
624 páginas

R\$ 60

R

elação familiar de negros

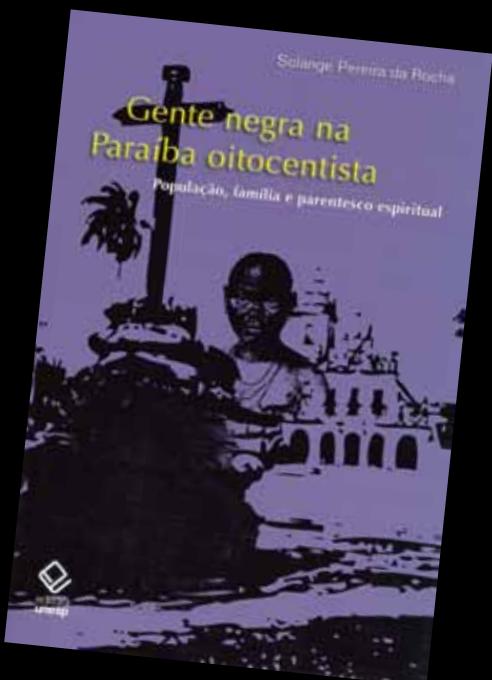
A obra “Gente negra na Paraíba oitocentista: população, família e parentesco espiritual” aborda a temática de famílias negras (escrava, liberta e livre) na província da Paraíba. O livro, de autoria de Solange Pereira da Rocha, coloca em evidência a relação de parentesco de sangue e espiritual existente entre a população do século 19, refutando a imagem internalizada em nossa cultura de que os negros não tinham famílias, já que o modelo é sempre o da estrutura patriarcal colonial ou a nuclear das sociedades urbanas modernas.

Neste lançamento da Editora Unesp, a autora constrói um panorama de lutas para identificar a autonomia social e econômica em um universo dominado pela escravidão, aprofundando o conhecimento acerca da organização familiar e da conjuntura econômica no contexto oitocentista. Além disso, a autora elucida a diversidade espacial, temporal e cultural da composição da sociedade e a dureza na vida cotidiana das pessoas negras que buscaram construir novas socializações na Paraíba oitocentista.

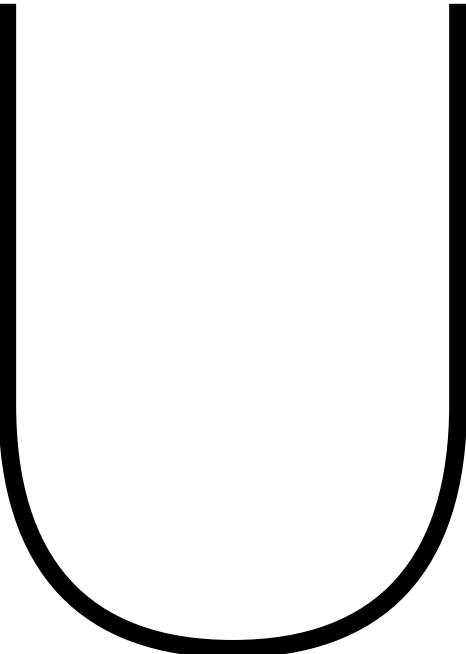
A partir da análise de variada documentação de três freguesias da Zona da Mata da Paraíba, Solange Rocha também cria perfis biográficos para exemplificar a heterogeneidade dos grupos sociais, mostra as mudanças demográficas no século 19 e ainda discute as políticas de alforria no Brasil e na Paraíba, desvelando as vivências das pessoas negras que conquistaram sua liberdade e/ou mobilidade social no interior de uma sociedade que permitiu a formação de enormes estruturas fundiárias.

Com um texto fluente, a autora recupera a memória e a história da população negra, gerando reflexões sobre a sociedade escravista oitocentista, suas regras sociais e a ação e vivências de escravizados e não escravizados.

A obra venceu o Prêmio ANPUH-Tese, outorgado pela Associação Nacional de História à melhor tese defendida em um dos programas de doutorado em História credenciados pela Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). ■



**Gente negra na Paraíba
oitocentista: população,
família e parentesco espiritual**
Autora: Solange Pereira da
Rocha
Editora: UNESP
331 páginas
R\$ 55



um museu vivo para os afro-americanos

Da redação

Imagine um museu em que as pessoas se reúnem para ler poesias, cozinhar, fazer apresentações de dança, assistir a filmes e, claro, conhecer a história. Ele ainda não existe, mas já está sendo construído. O endereço? Próximo à Casa Branca, sede do Governo dos Estados Unidos, em Washington. Estamos falando do Museu Nacional de História e Cultura Afro-Americana do Instituto Smithsonian.

“Um museu de história e cultura precisa ser algo vivo e estimulante de se visitar. Ele não será apenas um museu do passado, mas vai analisar também o presente. Ainda temos histórias a serem contadas,” disse John Franklin, Diretor de Parcerias Internacionais do Smithsonian, durante uma palestra realizada no mês de agosto para os alunos da Faculdade Zumbi dos Palmares, de São Paulo.

Em sua quinta visita ao Brasil (a convite do Consulado dos Estados Unidos) e pela segunda vez na faculdade, Franklin falou sobre “Cotas e Ações Afirmativas nas Universidades Americanas” e lançou mão de sua trajetória pessoal e a de sua família para falar da história da educação dos negros nos Estados Unidos. “A luta pela educação para os afrodescendentes nos EUA é muito longa e árdua”, disse.

Especialista em história e tradições de comunidades da diáspora africana, Franklin explicou como surgiram as primeiras instituições de ensino negras e os primeiros museus criados por negros para que a história dos afro-americanos fosse contada para seus descendentes. “Considerava-se perigoso ensinar os negros a ler e escrever. Era ilegal. Negros que soubessem ler eram

punidos. Havia leis contra a educação dos negros”, relatou.

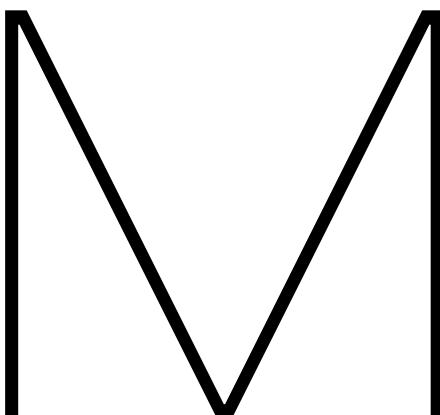
Filho de John Hope Franklin, o maior historiador afro-americano da história dos Estados Unidos, Franklin declarou que é fundamental conscientizar os universitários da importância de trabalhar na área cultural. Segundo ele, se os jovens negros tiverem consciência das oportunidades em instituições como museus, por exemplo, haverá mais profissionais negros assumindo cargos de direção de instituições de cultura e não apenas exercendo funções subalternas.

“Devemos impor desafios para os museus que não nos incluem na sua história e não abrem suas portas para nós”, finalizou.

Mais informações sobre o Instituto Smithsonian podem ser encontradas no site www.nmaahc.si.edu ■



John Franklin



edgar Evers e Zumbi juntas



Medgar Evers College

Em junho deste ano a Faculdade Zumbi dos Palmares recebeu a visita de Edwin Knox, vice-reitor do Medgar Evers College (Universidade Cidade de Nova York). Acompanhado por Willian Boone III, assessor jurídico e político da instituição, e por John Thompson, representante da faculdade no Brasil, a vinda de Knox teve como objetivo ratificar e acertar os detalhes da parceria firmada com a Faculdade Zumbi dos Palmares para a realização de intercâmbio entre as duas instituições de ensino.

“Ao visitar as instalações da Zumbi tive a impressão de já ter estado aqui, pois me lembrei de como nós começamos”, disse Knox, que garantiu que o Medgar College vai apoiar a Zumbi na consolidação de

seu principal objetivo, que é o de garantir a inserção do jovem negro no ensino superior e no mercado de trabalho.

Acordo

As negociações para a realização da parceria entre as duas instituições começaram em novembro de 2008, durante visita do reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, José Vicente, ao Medgar College.

O acordo prevê, entre outras ações, a realização de cursos de capacitação no Brasil e nos EUA, para alunos e professores das duas faculdades, nas áreas de direitos humanos, política e ações afirmativas.

Com isso a Faculdade Zumbi dos Palmares intensifica as relações e parcerias com universidades negras dos Estados Unidos, visando o aprimoramento da formação de seus alunos, pois além do Medgar

Evers College a Zumbi dos Palmares já assinou acordo para programas de intercâmbio com a Xavier University, de Nova Orleans (Louisiana). Em abril, duas alunas e um professor da instituição de ensino foram para os EUA e, em maio, duas alunas e uma professora estiveram no Brasil para a realização do primeiro programa de intercâmbio entre as duas universidades.

Medgar Evers College

O Medgar Evers College foi fundado em 1969, no Brooklyn. A instituição recebeu esse nome em homenagem a Medgar Wiley Evers, militante da luta pelos direitos civis dos negros americanos, assassinado em 1963. O Medgar Evers College é dividido em quatro áreas de estudos: Negócios, Desenvolvimento Profissional e Comunitário, Artes e Educação e Ciência, Saúde e Tecnologia.



Willian Boone III, assessor jurídico e político da instituição, Edwin Knox, vice-reitor do Medgar Evers College e John Thompson, representante da Medgar no Brasil

Quem foi Medgar Evers

No início dos anos 50 Medgar Wiley Evers era ativista da Associação Nacional para o Progresso das Pessoas de Cor (NAACP, na sigla em inglês), no Mississippi. Quando a Suprema Corte Americana considerou ilegal a segregação nas escolas, em 1954, Evers tentou estudar

Direito na universidade local, mas não conseguiu. Oito anos depois, ajudou James Meredith a se tornar o primeiro estudante negro da Universidade do Mississippi, um marco para a luta dos direitos dos negros nos EUA. Evers liderou um boicote contra comerciantes brancos da capital do Estado que financiavam o Conselho dos Cidadãos Brancos,

organização que era considerada um braço da Ku Klux Klan. Foi assassinado em junho de 1963 em frente a sua casa. O criminoso confesso, Byron De La Beckwith, um dos fundadores do Conselho dos Cidadãos Brancos, foi inocentado duas vezes e só no terceiro julgamento, 31 anos após a morte de Evers, foi condenado à prisão perpétua. ■

O Brasil assume sua responsabilidade na integração internacional no campo da educação superior ao propor a criação de três novas instituições regionais. Na América Latina, a Universidade da Integração Latino-Americana, UNILA, sediada na confluência do Mercosul, em Foz do Iguaçu, assume o seu caráter inovador e precursor. Em Santarém, a integração da atuação da Universidade Federal do Pará, da Universidade Federal Rural da Amazônia e a Superintendência do Desen-

volvimento da Amazônia levaram à criação de uma nova instituição que busca a integração da Amazônia Continental. Recentemente, o governo federal encaminhou ao Congresso Nacional a proposta de criação da mais recente universidade federal alicerçada na cooperação solidária com os olhos postos na construção compartilhada de uma Universidade Afro-Brasileira.

A construção conjunta de uma Universidade Afro-Brasileira é iniciativa do governo federal brasileiro,

ouvidas as demandas dos integrantes da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, a CPLP, com a sua próxima formalização pelo Parlamento Brasileiro e a construção do campus brasileiro na cidade de Redenção, no Ceará, cidade que pioneiramente aboliu a escravidão em 1883. Localizada no Maciço do Baturité, a Universidade Afro-Brasileira buscará atender às demandas de seus 13 municípios, com extensão às demais regiões do Estado e do Nordeste brasileiro, integrando-se ao Plano de

Por Paulo Speller*

Universidade Afro-Brasileira e a ousadia na integração international

Desenvolvimento Regional daquele belíssimo rincão de nosso País.

Metade de seus cinco mil estudantes será brasileira, enquanto a outra metade virá de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Macau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e

Timor-Leste, com forte apoio de universidades e governos portugueses. Atuando prioritariamente nas áreas de agronomia, energia, formação docente, gestão e saúde, a formação residencial em Redenção será completada nas universidades

dos demais países, onde serão diplomados os estudantes da Universidade Afro-Brasileira. A formação em serviço será igualmente oferecida a outros cinco mil estudantes. A extensão, a pesquisa e a pós-graduação estarão indissociavelmente integra-



Paulo Speller

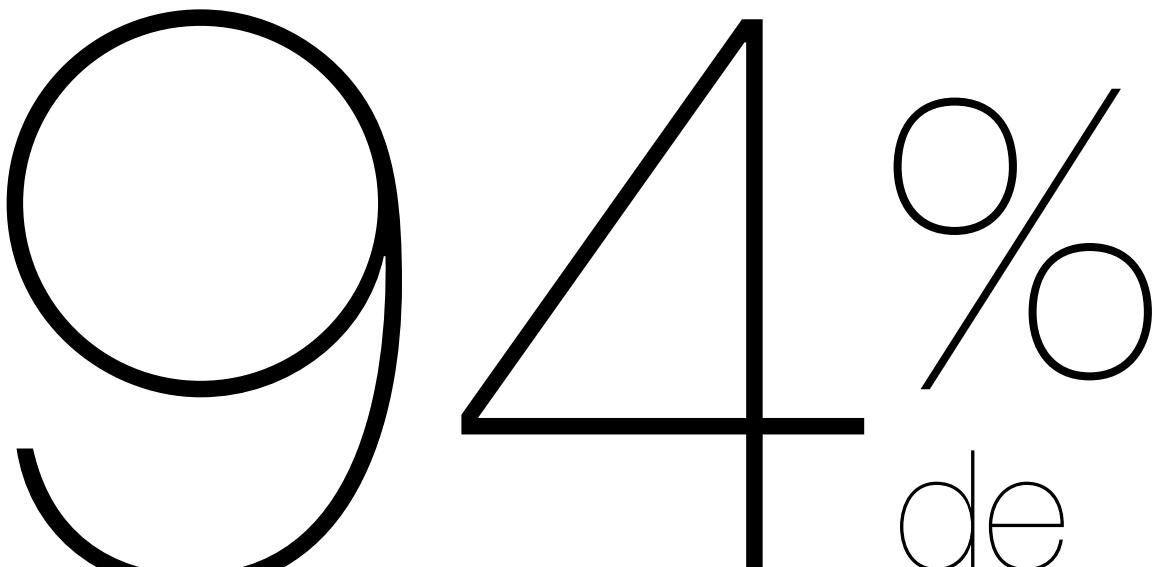
das nas regiões e países onde atuará a nova instituição.

No plano nacional, a Universidade Afro-Brasileira contará com o apoio e participação de universidades públicas atuantes nos países de expressão portuguesa, prevendo-se ex-

pressivo crescimento com qualidade dos programas de cooperação com o Brasil. É de se prever igualmente o desenvolvimento de ações conjuntas com outras instituições sociais e comunitárias que se destacam na integração étnico-racial e na coopera-

ção com países africanos e asiáticos. Não há dúvidas de que a Faculdade Zumbi dos Palmares ocupa lugar de destaque neste terreno.

* reitor da UFMT entre 2000-2008, membro do CNE e CDES, preside a Comissão de Implantação da Universidade Afro-Brasileira.



94% de preconceito

Por Silvana Silva

Ninguém nasce preconceituoso, se “contamina” através do que vê e ouve. A Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) ouviu 18,5 mil pessoas para a realização de uma pesquisa sobre Preconceito e Discriminação no Ambiente Escolar. Os dados foram coletados em 501 escolas de ensino fundamental e médio, de 27 estados, envolvendo estudantes jovens e adultos, professores, dirigentes, funcionários e pais.

Para testar o nível de preconceito dos entrevistados, os pesquisadores apelaram para frases que pudessem revelar o pensamento de

O preconceito étnico-racial, principalmente contra o negro, apareceu em segundo lugar, em 94,2% dos respondentes.

cada um sobre sete temas: étnico-racial, gênero, geracional, territorial, orientação sexual, socioeconômico e necessidades especiais. Ficou evidente que o preconceito existe. De acordo com o tema, o índice de preconceito variou entre 75,9%

(territorial) e 96,5% (portadores de necessidades especiais). O preconceito étnico-racial, principalmente contra o negro, apareceu em segundo lugar, em 94,2% dos respondentes. Mais, o alto índice de intolerância está associado à prática do *bullying*, um fenômeno que atinge entre 5% e 35% dos alunos no mundo, embora os profissionais da educação também sejam vítimas da prática.

A pesquisa realizada, a pedido do Ministério da Educação, servirá de base para a adoção de uma estratégia que transforme a escola em ambiente de promoção da diversidade e respei-



MisterWiki at en.wikipedia

to às diferenças. Segundo o professor Fábio Melletti, que atuou na análise da pesquisa, o trabalho não apontou causas e efeitos, mas constatou que as escolas onde foram observados maiores índices de preconceito também apresentaram os piores resultados na Prova Brasil.

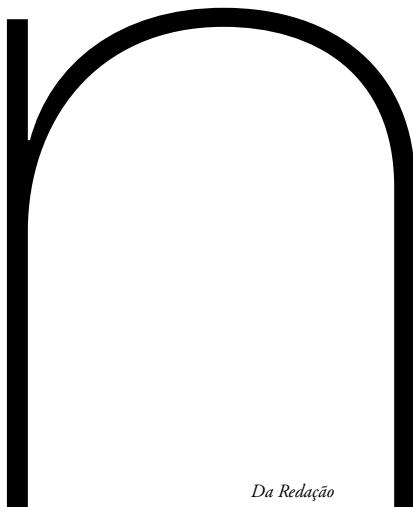
O *bullying* não é brincadeira de criança. É um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento. Pode ser reconhecido

na forma de agressões físicas, verbais, morais, virtuais (*cyberbullying*), intimidações ou isolamento.

Para a especialista em *bullying* escolar, Cleo Fante a queda no rendimento escolar, o absenteísmo e a evasão escolar são alguns dos efeitos do *bullying*. No Brasil, um em cada 6 jovens, entre 15 e 17 anos, está fora da escola; 40% não querem ir à escola. Para as vítimas típicas os prejuízos emocionais vão da queda da autoestima à depressão, pensamentos de vingança, suicídio e uso de drogas.

Entre as agressoras, a consolidação de atitudes autoritárias e violentas podem levar à condutas delituosas.

Em São Paulo foi criada a *Lei do Bullying*, que obriga as escolas municipais a incluir em seus projetos pedagógicos medidas para combater o problema. Há quem acredite, entretanto, que este seja um processo de longo prazo, que inclui modificações na forma como as questões de raça, gênero, religião e orientação sexual são tratadas nos livros escolares. ■



Uma negra na Presidência?

Quando Marina Silva foi nomeada ministra do Meio Ambiente, no início do governo Lula, a imprensa internacional comemorou. Afinal, pela primeira vez o Brasil teria uma ministra a altura da riqueza do patrimônio ambiental que possui.

Cinco anos depois, Marina Silva deixou o governo Lula. Não conseguira realizar o seu maior objetivo ao assumir o cargo: colocar a questão ambiental e do desenvolvimento sustentável como estratégica. Apesar disso, fez realizações, entre elas a façanha de ter conseguido diminuir os índices de desmatamento da Amazônia.

Mas, como ela mesma se definiu em uma das primeiras entrevistas que concedeu depois que assumiu a pasta, ela é como o cumaru-ferro, árvore da Amazônia que verga com os fortes ventos, mas nunca se quebra. E por ser assim a ex-ministra e senadora continuou sua luta, mesmo sem pasta, dentro e fora do Partido dos Trabalhadores. No último dia 19 de agosto ela resolveu “semeiar em outras searas” e deixar a legenda pela qual militou durante 30 anos.

Nascida no Acre, filha de seringueiros migrantes cearenses, a acreana Maria Osmarina Marina da Silva Vaz de Lima foi analfabeta até os 16 anos. Aprendeu a ler quando trabalhava como empregada doméstica. No Móbral, fez em quatro anos o primeiro e o segundo grau. Formou-se em história e foi a mais jovem senadora do Brasil, aos 35 anos. Com essa biografia, sua saída do PT para o Partido Verde teve o poder de desestabilizar totalmente o cenário para a campanha presidencial de 2010 e fazer com que os brasileiros passem a considerar a possibilidade de terem, pela primeira vez em sua história uma mulher negra na Presidência da República.

Em diversas entrevistas que já concedeu depois de tomar essa decisão, Marina diz que sua candidatura ainda não é certa e que precisa se recolher e pensar sobre o assunto. Mas se depender dos movimentos sociais que vêm em sua candidatura a retomada da esperança, 2010 promete!

“Estou fazendo uma discussão, em termos programáticos, de que o desafio da sustentabilidade é o desa-

fio deste século... É preciso transitar para essa economia descarbonizada. Isso não vai ser levado a cabo, se não for assumido como estratégico. A eleição de Barack Obama faz com que as coisas tenham outro significado. Ele é aquele superatleta que, quando entra no jogo, faz a diferença. O Brasil tem as melhores condições para fazer essa inflexão sem prejuízo da economia. Sempre fui por esse caminho no governo. Quando não deu, saí”, disse em uma de suas entrevistas.

Apesar de ter citado o presidente americano em diversas ocasiões, a senadora recusa comparações. Ao ser questionada se Obama seria fonte de inspiração ela disse: “Eu também sou negra, mas seria muito pretensioso da minha parte me colocar como similar ao Obama. Ele é uma inspiração para todas as pessoas que ousam sonhar. A questão racial teve um peso importante na eleição americana. Mas os Estados Unidos têm uma realidade diferente da do Brasil. Eu nunca fui vítima de preconceito racial aqui”.

Ela também diz que não se apre-



Senadora Marina Silva

sentaria como uma candidata negra na campanha presidencial. “É legítimo que as pessoas decidam votar em alguém por se identificar com alguma de suas características, como o fato de ser mulher, negra e de origem humilde. Mas seria oportunismo explorar isso

em uma campanha. O Brasil tem uma vasta diversidade étnica e deve conviver com as suas diferentes realidades”.

A favor da política de cotas raciais para o acesso às universidades ela defende a necessidade de um resgate a ser feito de negros e índios.

“Há quem ache que as cotas levam à segregação, mas eu sou a favor de que se mantenha essa política por um período determinado. Acho que há, sim, um resgate a ser feito de negros e índios, uma espécie de discriminação positiva”. ■

Da Redação

R reparações em debate

Uma audiência pública realizada em julho deste ano pela Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa (CDH) do Senado, retomou a discussão sobre a reparação aos negros descendentes de escravos no Brasil. Presidida pelo senador Cristovam Buarque, a audiência pública contou com a participação de representantes de diversos segmentos da sociedade.

O advogado Humberto Adami, atual ouvidor da Seppir (Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial), defendeu a reparação tanto por meio de pagamentos, como por medidas não pecuniárias. “Essa discussão ainda vai causar muita polêmica em todo o país. Muitos elementos da questão da desigualdade racial vão se tornar mais aparentes. Esse debate é importante e é mais uma ferramenta na luta contra o racismo”, disse.

Como exemplo de reparação não pecuniária o senador Cristovam Buarque (PDT-DF), sugeriu a criação

de um centro de pesquisa de recuperação da história negra. Mário Lúcio Teodoro, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), propôs a criação de um memorial da escravidão e Dora Lúcia Bertúlio, procuradora-chefe da Fundação Cultural Palmares, defendeu que sejam adotadas políticas públicas específicas para negros, na forma de ações que diminuam o impacto do que chamou de “discriminação racial institucional naturalizada”.

Já o reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, de São Paulo, José Vicente, concordou com a criação do memorial e propôs que o debate sobre o tema seja ampliado e inclua representantes de organizações da sociedade civil, inclusive de âmbito internacional.

Luta internacional

A luta pelas reparações é internacional e transgeográfica. O Reparations Now, nos Estados Unidos, é um exemplo disso. O movimento

vem fazendo várias ações para que indenizações sejam pagas pelo Estado e por várias empresas que se beneficiaram do tráfico de escravos da África para a América.

No Brasil, a proposta de indenizações financeiras apareceu pela primeira vez em 1993, liderada pelo professor de jornalismo da Universidade Federal da Bahia, Fernando Conceição, um dos fundadores do Movimento Pelas Reparações dos Afro-Descendentes no Brasil (MPR). Na época, Conceição chegou a apresentar uma conta que estimava que o débito do governo brasileiro seria de US\$ 6,4 trilhões.

Em 2005, a então vereadora Claudete Alves (PT-SP) protocolou uma representação no Ministério Público Federal, pedindo que este ingressasse com uma ação coletiva contra a União por danos materiais e morais causados pela escravidão. Advogados que assessoravam a vereadora na época estimaram que o valor das reparações deveria ser de 2



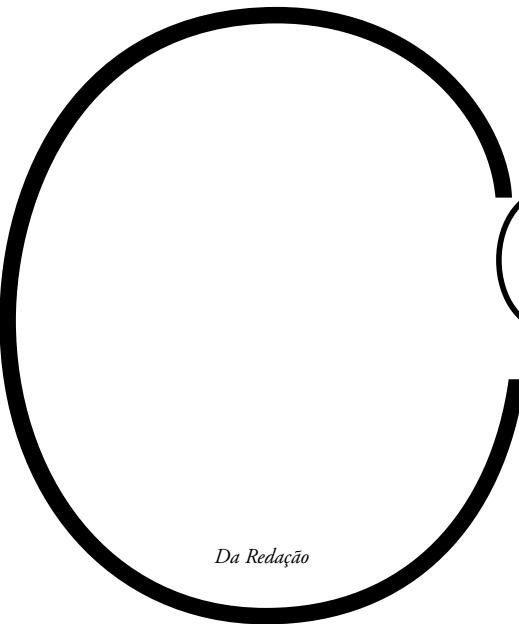
Distribuição

milhões de reais por pessoa. Um dos argumentos usados por Claudete na ação foi que a escravidão não foi um acidente da história, mas uma política de Estado.

Outros argumentos que embasam a defesa das reparações é o fato de em outros países, vários grupos étnicos já terem sido beneficiados com indenizações, como judeus vítimas do Ho-

locausto e japoneses presos durante o macartismo nos Estados Unidos. As indenizações às vítimas da ditadura militar no Brasil também têm reforçado a defesa das reparações. ■

Capa do livro de autoria de Claudete Alves

Da Redação

otras nas passarelas

Conforme esta revista se comprometeu na edição anterior que tratou do tema moda, procuramos o Ministério P\xfablico para uma avalia\u00e7ao do que foi o *S\u00e3o Paulo Fashion Week* na quest\u00e3o da inclus\u00e3o do negro nos desfiles de moda.

O M\xfimist\u00e9rio P\xfablico de S\u00e3o Paulo arquivou o inqu\u00e9rito civil instaurado em janeiro de 2008 pelo Grupo de Atua\u00e7ao Especial de Inclus\u00e3o Social (GAEIS) para apurar por que os desfiles de moda do *S\u00e3o Paulo Fashion Week* tinham um n\u00famero muito reduzido de modelos negros. No inqu\u00e9rito foram ouvidos os organizadores do SPFW, donos de ag\u00eancia de modelos e estilistas.

De acordo com o texto de prom\u00f3cio\u00e3o do arquivamento, ficou constatado, ap\u00f3s a \u00faltima temporada do SPFW, realizada em junho deste ano, que em todos os desfiles houve a participa\u00e7ao de modelos afrodescenden-

tes. No total foram 12,8% contra os aproximadamente 3% da \u00f3poca em que foi instaurado o inqu\u00e9rito. Al\u00e9m disso, diz o texto, “de forma in\u00e9dita, encartes de jornais que cobrem o S\u00e3o Paulo Fashion Week estamparam modelos afrodescendentes nas capas e lhes deram consider\u00e1vel destaque nas mat\u00e9rias”.

Esses resultados s\u00e3o consequ\u00eancia do cumprimento do Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) firmado em maio deste ano, entre o MP e a empresa Luminosidade Marketing & Produ\u00e7ões Ltda., organizadora do evento. Por meio deste TAC a empresa se comprometeu a adotar uma s\u00e9rie de provid\u00eancias para estimular a participa\u00e7ao de modelos negros, afrodescendentes e ind\u00edgenas no evento, como forma de promover a inclus\u00e3o social no mundo da moda. O cumprimento desse acordo ser\u00e1 acompanhado pelo M\xfimist\u00e9rio P\xfablico

ao longo dos pr\u00f3ximos dois anos, quando ent\u00e3o os termos do acordo poder\u00e3o ser reavaliados. Caso n\u00e3o sejam cumpridos h\u00e1 a possibilidade de reabertura do inqu\u00e9rito.

No documento, o SPFW se comprometeu a sugerir a todas as grifes participantes do evento, com anteced\u00eancia m\u00ednima de 15 dias a cada edi\u00e7ao, a utiliza\u00e7ao de pelo menos 10% de modelos negros, afrodescendentes ou ind\u00edgenas.

Ao analisar o m\u00e9rito da a\u00e7ao, a promotora Deborah Kelly Affonso, coordenadora do GAEIS, citou a evolu\u00e7ao e a import\u00e1ncia da moda e considerou que no “s\u00e9culo 21 o assunto mais importante sob o prisma da moda \u00e9 a discrimina\u00e7ao racial”. A promotora tamb\u00e9m justificou a necessidade de interven\u00e7ao do MP. “O que se viu ap\u00f3s a exaustiva busca de respostas pela n\u00f3o contrata\u00e7ao desses modelos... \u00e9 que h\u00e1, no m\u00ednimo, fal-

ta de interesse na contratação... Só por isso já se encontra justificada a intervenção ministerial”.

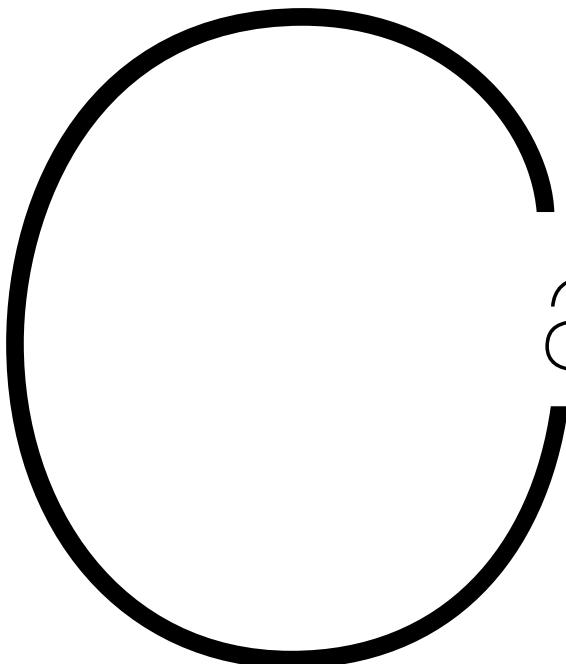
O inquérito considerou também que há quantia considerável de dinheiro público envolvido na realização do evento, mediante a assinatura de convênio com a Prefeitura Municipal de São Paulo e com a Secretaria de Turismo.

No documento, a promotora reiterou que o acordo entre o Ministério Público e a organização da SPFW visa democratizar o evento, permitindo uma maior participação de profissionais negros, afrodescendentes e indígenas uma vez que de forma espontânea isso nunca ocorreu.

O documento ressalta os reflexos positivos até mesmo em outros eventos de moda no País, que passaram a promover a inclusão de negros em desfiles.

A promoção de arquivamento encerra dizendo que “o Brasil se colocou na vanguarda mundial, promovendo a inclusão de modelos afrodescendentes e negros em desfiles de moda, demonstrando que a igualdade entre as pessoas, mais do que utopia legal, é possível de se realizar. Basta boa vontade!” ■





Cartão vermelho para o racismo

Por Silvana Silva

Denunciar atos preconceituosos é mostrar que o problema existe e exige solução. Será que a Copa na África do Sul servirá para aplacar o preconceito?

A União das Associações Europeias de Futebol (UEFA) decidiu jogar duro contra o racismo nos estádios. Para isso, já estão em vigor medidas práticas. Se o juiz observar comportamentos discriminatórios por parte da torcida, a primeira alternativa será pedir à torcida que cesse as manifestações. Se a solicitação não funcionar, o jogo deverá ser interrompido e até suspenso. Entre os jogadores, o que se sugere é a inclusão de uma cláusula nos contratos prevendo punições para comportamentos dessa natureza, mas é bom lembrar que isso, por

enquanto, vale só para os clubes europeus.

O italiano Juventus chegou a jogar sem público, punido pelas ofensas de sua torcida contra o atacante Mario Balotelli, da Inter de Milão. Brasileiros como Juan, Roberto Carlos e Ronaldinho Gaúcho, que são chamados de “macacos” por torcedores de clubes rivais, sabem bem o que é preconceito. Em 2005, essa mesma expressão levou o jogador Grafite, então no São Paulo, a denunciar o argentino Desábato após uma partida contra o Quilmes, pela Libertadores da América. Depois, o brasileiro chegou a dizer que nem

queria apresentar a queixa. Teria feito por pressão do clube e de um delegado. Sabia que não daria em nada.

Recentemente, em outra partida da Libertadores, o argentino Maxi López, do Grêmio, também teria ofendido Elicarlos, do Cruzeiro. A denúncia foi feita no próprio Mineirão, mas por enquanto não teve novos desdobramentos. No mesmo dia, quem assistiu ao jogo dos Estados Unidos e Espanha, pela Copa das Confederações, na África do Sul, viu as mensagens da campanha da FIFA contra o racismo nos estádios. Por aqui, o

*Elicarlos do Cruzeiro (à direita)*

episódio de Minas não despertou qualquer manifestação da CBF ou federações sobre o fato.

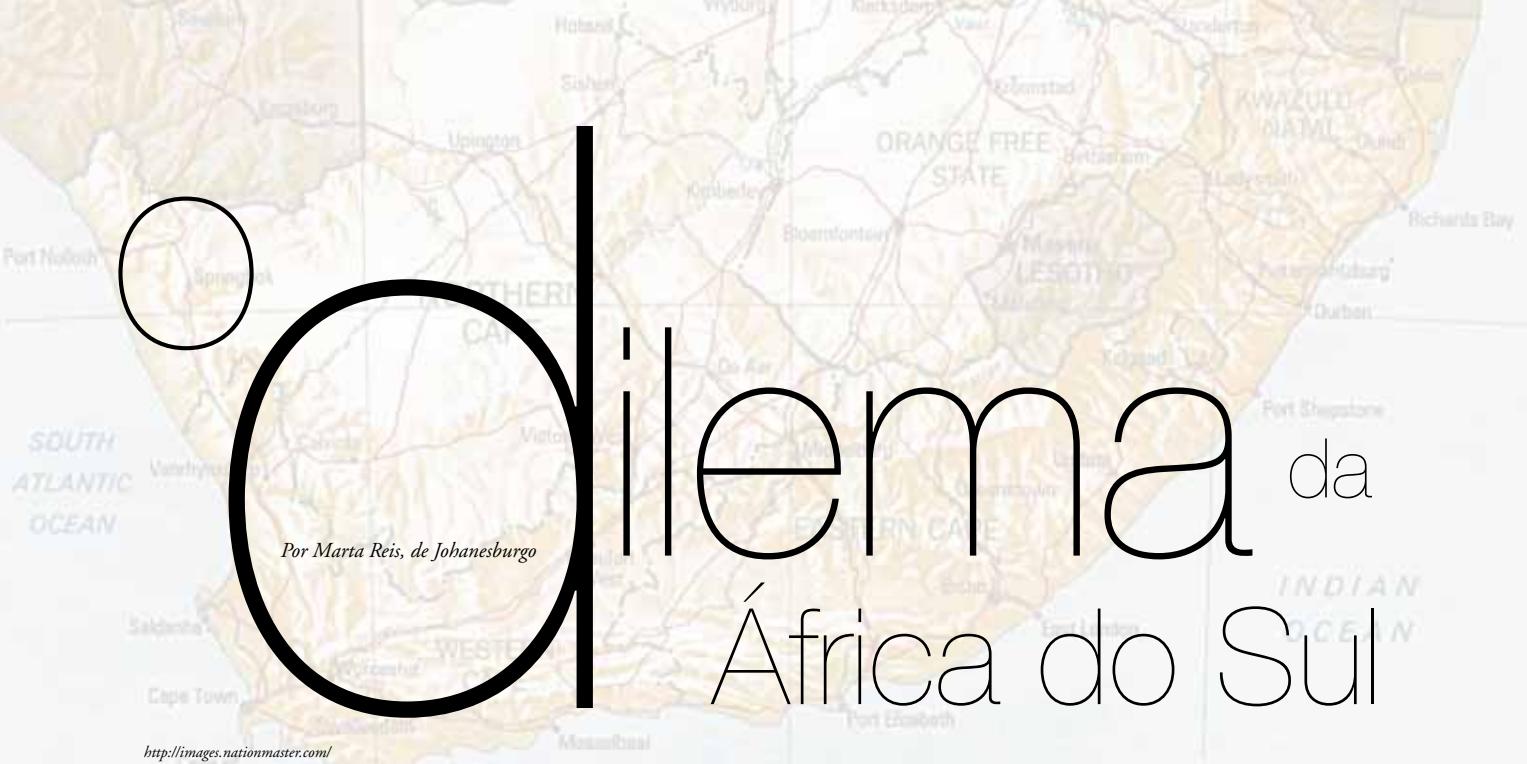
Na Série B do Campeonato Brasileiro, Cris, do Brasiliense, foi vítima do preconceito de Márcio Alemão, do Guarani, que jogava em casa e ganhou a partida. O episódio poderia render até uma punição à equipe, mas isso não aconteceu.

O racismo “silencioso”, entre-

tanto, pode ter repercuções mais profundas. Em 2007, dois americanos divulgaram uma pesquisa que constatava: juízes brancos tendem a ser mais severos com atletas negros. A pesquisa computou dados de 13 anos da NBA, a associação americana de basquete, apesar da preponderância de jogadores afro-americanos. Seria diferente em outros esportes?

No Brasil, xingar árbitros e joga-

dores é considerado “próprio do esporte”. “Futebol é jogo viril, “varonil” e reclamações do gênero não seriam coisa de macho, como disse um certo juiz (que esqueceu das nossas meninas de ouro). Não estaria aí também a raiz da violência entre as torcidas? Denunciar atos preconceituosos é mostrar que o problema existe e exige solução. Será que a Copa na África do Sul servirá para aplacar o preconceito? ■



<http://images.nationmaster.com/>

As eleições presidenciais na África do Sul, em abril deste ano, deixaram evidente que a cor da pele continua a ditar o destino do país. Se antes de 1994 o regime oficial de segregação racial impedia que negros chegassesem ao poder, hoje a situação é inversa. Como os negros são 79% da população e praticamente todos só votam em negros, torna-se improvável ver um branco no cargo mais importante do país. De parte a parte, em geral olha-se primeiro para a pele antes de se analisar propostas e competência.

Mesmo entre os líderes do Congresso Nacional Africano (CNA), partido governista que se declara multiracial, o assunto é polêmico. No início de agosto, o presidente da liga jovem do partido, Julius Malema, acusou Jacob Zuma, presidente do país, de preterir os negros em cargos do gabinete econômico. A confusão começou depois que Zuma nomeou a economista Gill Marcus para assumir o Banco Central do

país. Gill é o quinto branco a ocupar uma posição de destaque na área econômica no mandato de Zuma.

Malema argumentou que o país precisa formar mais economistas negros, o que só vai acontecer quando eles passarem a ter oportunidades em cargos de chefia do governo. “Será que nós, negros, não temos competência para as questões econômicas? As crianças e jovens que estão na escola precisam ter uma fonte de inspiração. Assim, elas podem crescer pensando: eu quero ser como este cara. É preciso construir confiança não só nesses meninos, mas também no mercado financeiro internacional, de que os negros podem ocupar posições estratégicas”.

Zuma defendeu que o governo não se prende a questões raciais ou de classe na formação de seus ministérios. “Escolhemos sempre os melhores profissionais, independente da área em que vão atuar. São pessoas capacitadas que, como muitos outros

sul-africanos, dedicaram sua vida à luta pelo fim do apartheid”, sustentou o presidente.

Apesar das críticas de Malema, os negros ocupam 71% das cadeiras do ministério no atual governo, enquanto brancos e coloured (sul-africanos nascidos da união de dois grupos) ficam com 14% cada. Já nos campos econômico e acadêmico, os brancos têm mais destaque.

O analista político Daryl Glaser explica que ainda existe um pensamento arraigado em brancos e negros de que os brancos são mais capacitados. “Quando a competência de um negro é questionada ou que um branco tem mais destaque em determinada função, é comum que a discussão racial volte à tona. O apartheid é um fantasma que continua a assombrar o país”, lamentou.

A sul-africana Leone Russon concorda com Glaser e acrescenta que as pessoas seguem vivendo segregadas. “A questão racial ainda está enraiza-



Partidários do Congresso Nacional Africano em manifestação durante as eleições de 2009

da na população. Ao invés de os pais ensinarem a seus filhos que todos são iguais, eles perpetuam a idéia de que ser branco ou ser negro neste país é pior, ou melhor”, argumenta Leone que é coloured, etnia de 8,9% das pessoas na África do Sul.

Para colocar mais lenha na polêmica, o governo de Jacob Zuma prometeu manter pelos próximos cinco anos a lei de cotas para negros, criada em 1994 com Nelson

Mandela. Com ela, empresas com sede no país são obrigadas a reservar vagas para negros. Embora concorde que as políticas afirmativas são importantes porque ajudam a corrigir o passado de injustiças sociais, o advogado Stephen Logan questiona sua duração. “O que me incomoda é que não há um planejamento para isso e nem data para acabar. Assim, pessoas muitas vezes menos qualificadas do que outras são contratadas

simplesmente por causa da cor”, reclama Logan, de origem inglesa.

Na nova África do Sul ainda é raro ver casais inter-raciais. Os poucos que existem causam estranhamento, principalmente em cidades menores. No entanto, em metrópoles como Johannesburgo já é comum ver brancos e negros dividindo os mesmos espaços e interagindo entre si. O convívio é mais natural entre os jovens, que cresceram na era pós-apartheid. ■



*Por Paulo Cezar Azarias de Carvalho**

“Quem tem cara?”

Sem hipocrisia ou qualquer tipo de compromisso com posturas ético-sociais acerca do tema racismo podemos afirmar que a sociedade brasileira, ainda que resistente, descreve o bandido, de forma genérica, como um indivíduo negro e/ou visivelmente pobre, ou melhor, miserável. Como bem já foi colocado, se quiseres saber quem é de cor preta ou de raça negra no Brasil é só perguntar à Polícia.

É inegável que as abordagens policiais sem liame direto com o crime se baseiam na aparência do “suspeito” e na sua condição pessoal, salvo raras exceções.

A polícia é composta por pessoas da nossa sociedade, ainda preconceituosa e, por esta razão, age na medida de seu sentimento institucional e social.

O segmento “segurança”, quer seja patrimonial ou pessoal, traz dentro de si a veia da segurança pública,



Paulo Cezar Azarias de Carvalho

senão seus exemplos. Logo, o “modus operandi” dos seguranças é regido, genericamente, não só pelo estilo como também pela “avaliação subjetiva ética e social” a eles impostas.

Foi o que vimos acontecer com o segurança e técnico em eletrônica Januário Alves de Santana, 39, no dia 7 de agosto deste ano. Ele foi agredido por seguranças do su-

permercado Carrefour, em Osasco, na Grande São Paulo, ao ser confundido com ladrões e considerado suspeito de roubar seu próprio carro. Segundo reportagens veiculadas pela imprensa, enquanto a família fazia compras, Januário esperava no carro com a filha de 2 anos. O alarme de uma moto disparou e ele viu dois homens correndo. O dono da moto chegou em seguida. Januário desceu do carro e achou que os bandidos tinham voltado. Um desses homens sacou uma arma e ele correu. No chão, ele foi imobilizado e levado até um quartinho do supermercado e espancado por cinco homens que não vestiam uniformes.

A partir desse relato, dois pontos devem ser analisados: o suspeito era branco ou preto? Estava bem ou mal trajado? Vejamos que ambos requisitos são essenciais para que se estabeleça a “cara do suspeito”. A idéia que foi criada e vagarosamen-



Caminhada em protesto contra a violência sofrida por Januário Santana

te imputada aos brasileiros é a de que um indivíduo de cor branca, com carro de luxo é normal, quase uma regra, mas um indivíduo de cor preta com um carro de luxo não é normal, é exceção.

Certamente que o indivíduo de pele branca se equipara ao negro, ou melhor, está reduzido ao status do negro no Brasil quando não tem oportunidades e condições sociais de participar da dignidade social almejada por nossa Constituição. Sabemos também que o indivíduo

de pele negra, ao alcançar instrução e status social se equipara ao indivíduo branco “bem sucedido”, porém, ainda assim, podemos dizer sem medo de errar que, embora equiparado, “o preto” não conseguirá patamares do alto escalão de tomadas de decisão na esfera privada e até mesmo na esfera pública.

Retornando a infeliz abordagem feita a Januário Santana, vimos o explícito julgamento social que impera sobre os indivíduos da raça negra, sob forma velada e institucionaliza-

da nos moldes da repressão pública e privada face ao crime.

Que o Estado é neutro na forma da lei e o crime não tem cor nem raça, isso é fato. No entanto, os operadores da força estatal e, por vezes, dos entes privados podem nos indicar quem são os sujeitos suspeitos no meio social. A cor da pele e o status social determinam a “necessidade da abordagem” e a sua intensidade. ■

*advogado, pós-graduado em Penal e Processo Penal pela Unifig e membro do Conselho Curador da Faculdade Zumbi dos Palmares.

Justica para Januário

Diversas entidades do movimento negro elegeram o dia 5 de setembro para realizar uma caminhada pelas ruas de Osasco, na Grande São Paulo, em protesto contra a violência sofrida por Januário Alves de Santana. Januário é negro, funcionário da USP, onde trabalha como segurança, e é técnico em eletrônica. A violência ocorreu dentro de uma das lojas da rede de supermercados Carrefour, na avenida dos Autonomistas.

Segundo declarações feitas por Januário à imprensa, no dia 7 de agosto ele foi espancado por cinco seguranças da loja após ser confundido com um assaltante. A agressão ocorreu quando tentava entrar em seu carro, um Ford EcoSport.

Januário disse que esperava no carro enquanto a família fazia compras. O alarme de uma moto disparou e ele viu dois homens correndo. O dono da moto chegou em se-

guida. Januário desceu do carro e achou que os bandidos tinham voltado. Um desses homens sacou uma arma e ele correu. No chão, ele foi imobilizado e levado até um quartinho do supermercado e espancado por cinco homens que não vestiam uniformes.

Protesto

A caminhada e o ato tiveram como objetivo expressar o repúdio contra o fato e exigir providências imediatas por parte da direção da rede de supermercados. O protesto, organizado pela coordenadoria de Gênero e Raça da Prefeitura de Osasco, pelo Fórum Regional Paulista Oeste Metropolitano da Igualdade Racial e pelo Fórum das Entidades Negras de Osasco e região contou com a participação de 400 pessoas, segundo os organizadores.

Os manifestantes percorreram algumas ruas da cidade e foram até a loja da avenida dos Autonomistas, onde foram recebidos pela gerente de comunicação do Carrefour em São Paulo, Regina Pitoschia, e fizeram reivindicações. Entre as exigências feitas pelos manifestantes está a implantação de uma política de diversidade dentro da empresa para admissão de funcionários e exigência de qualificação continuada aos seguranças que prestam serviço à empresa.

Além de representantes de entidades do movimento negro, militantes de centrais sindicais como a CUT e a Conlutas e de sindicatos como o Sindicato dos Comerciários estiveram presentes.

“O que aconteceu com meu irmão não pode mais acontecer com ninguém. Estamos no século 21 e ainda parece que vivemos no tempo da escravidão. Somos tratados pior do que animais”, disse Noêmia



Januário Alves de Santana

Alves, irmã de Januário, que esteve presente no evento.

“Temos que punir e tornar esse caso exemplar para todo o Brasil”, declarou a deputada federal Janete Pietá, que também participou do protesto.

Segundo sua irmã, Januário não participou do ato porque estava se recuperando de uma cirurgia feita por causa de uma fratura no maxilar.

Tortura

No dia 11 de setembro, Januário esteve em uma reunião com o Secretário de Justiça do Estado, Luiz Antonio Marrey. Ele estava acompanhado da mulher, Maria dos Remédios Santana, e de seus

advogados, Dojival Vieira e Silvio Luiz de Almeida. Segundo Vieira, o secretário expressou indignação com o fato e mostrou solidariedade em nome do Estado de São Paulo. A presidente do Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra do Estado de São Paulo, professora Elisa Lucas Rodrigues, e a coordenadora de Políticas para População Negra e Indígena da Secretaria de Estado da Justiça, professora Roseli de Oliveira, também participaram da reunião.

Os advogados pediram à delegada Rosângela Máximo da Silva, do 9º DP de Osasco, onde foi registrada a ocorrência, que o caso seja enquadrado como tortura, crime considerado hediondo.

Outro lado

O Carrefour afirmou em nota que “em nenhum momento se esquivou de suas responsabilidades, assim como declarou seu repúdio a qualquer forma de agressão, desrespeito ou racismo”. A nota diz ainda que “a empresa defendeu a posição de que os responsáveis sejam rigorosamente punidos, e tem todo o interesse que o caso seja esclarecido o mais rapidamente possível”.

Ainda de acordo com a nota, a empresa prestadora de serviços de segurança já foi substituída e a gerência da loja foi afastada. ■

Troféu Raça Negra 2009.

Está chegando a hora de conhecer as pessoas que se destacaram na luta pela valorização e inclusão social do negro.

O Troféu Raça Negra chega a sua 7ª edição consolidado como o mais importante reconhecimento às pessoas de todas as raças que lutam pela valorização e inclusão do negro na sociedade brasileira. No próximo dia 15 de novembro, a partir das 20h00, na Sala São Paulo, essas pessoas receberão de todos nós as homenagens que elas merecem. E que reafirmam a importância de continuarmos avançando na construção de uma sociedade mais justa, plural e cidadã.

Patrocínio:



Bradesco

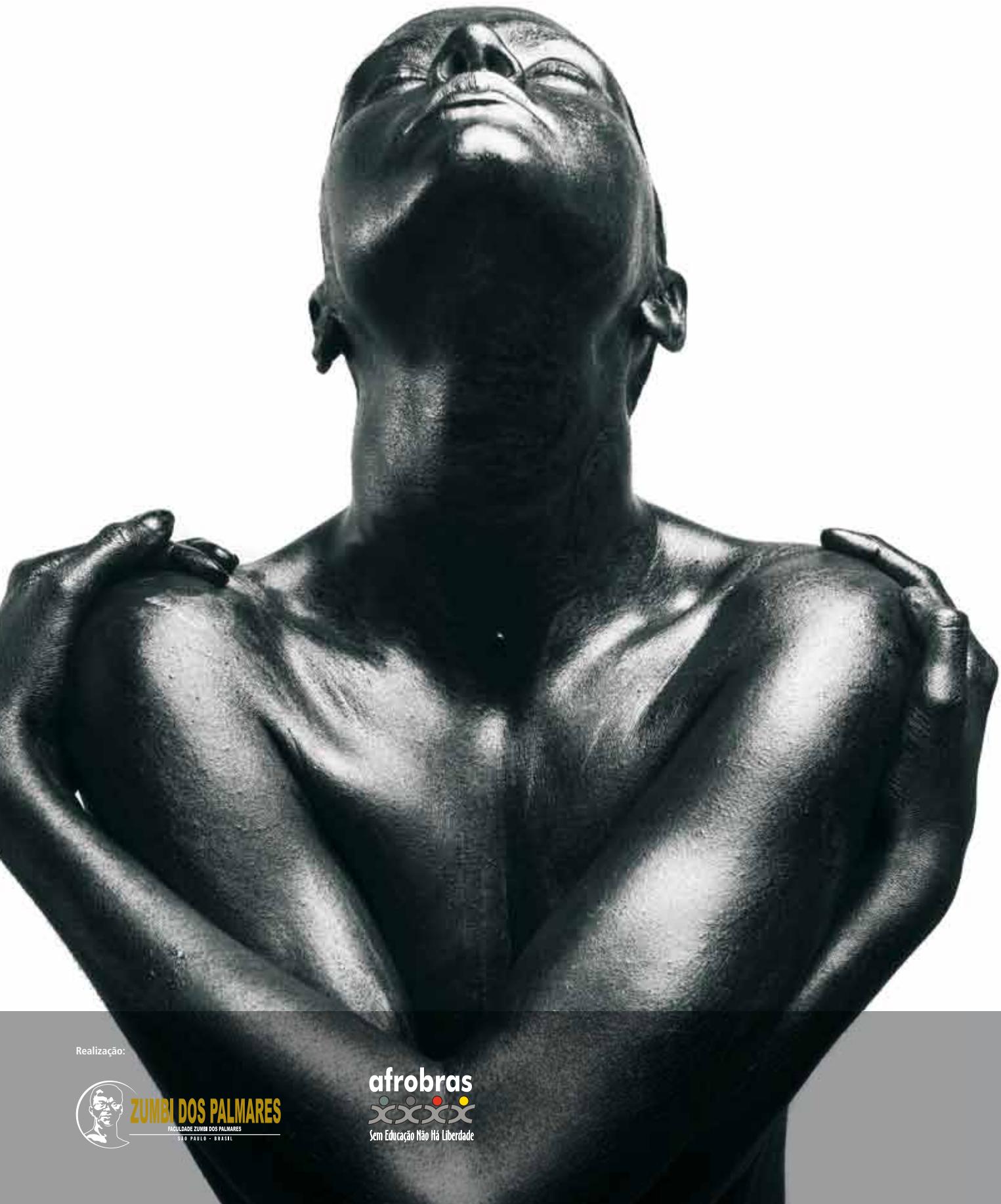
CAIXA



Apoio:



Afirmativa
plural



Realização:



ZUMBI DOS PALMARES

FACULDADE ZUMBI DOS PALMARES

SÃO PAULO - BRASIL

afrobras

Sem Educação Não Há Liberdade

-mail corporativo: você sabe como usá-lo?

Por Renato Grinberg*

Que a tecnologia trouxe grandes benefícios para a vida dos profissionais ninguém tem dúvida. O problema é que junto com ela vieram algumas dificuldades corporativas com o seu mau uso. Ao mesmo tempo em que a internet permite maior agilidade e circulação de informações, não saber como utilizá-la pode gerar falta de foco e produtividade para o profissional.

O e-mail corporativo é o maior dos exemplos e alvo das reclamações de pessoas que recebem muitas mensagens ao dia e afirmam que poucas delas são realmente úteis e aprovei-

tadas. Não estamos falando somente de SPAMs e correntes, mas as mensagens relevantes para o trabalho que também podem gerar confusão e lotar as caixas de entrada sem necessidade.

A organização das mensagens eletrônicas é o primeiro passo para quem quer dominar essa ferramenta. As que não têm importância devem ser descartadas e as demais organizadas em pastas para melhor localização e livramento de espaço. Isso não significa que devemos ter milhares de pastas do lado esquerdo da tela, mas

é necessário criá-las com os nomes certos. Repare, geralmente os e-mails que não se encaixam em nenhuma delas não precisam ser guardados.

Outro motivo que causa insatisfação são mensagens longas e que demandam muitos minutos da atenção. Seja sucinto e objetivo, procure não passar de três ou quatro linhas. Se o assunto for realmente extenso, jamais ultrapasse o campo visual da “janela” do e-mail.

Tudo hoje é resolvido por e-mail. Mas você está enviando suas mensagens de maneira adequada e sabe a



Renato Grinberg

quem está endereçando? Preste muita atenção se o endereço é realmente o da pessoa para quem você deseja enviar. Na pressa, acontece muitas vezes de mandar a mensagem a alguém com o mesmo primeiro nome, devido ao preenchimento automático.

E-mails são importantes sim e

nos proporcionam maior comodidade, mas não deixe que eles prejudiquem sua comunicação. Antes de enviar uma mensagem eletrônica, pense se realmente é a melhor opção, às vezes uma conversa por telefone irá resolver seu problema de maneira muito mais rápida e eficaz.

No escritório, as conversas pessoais têm maior impacto e geram resultados melhores. Portanto, use o e-mail com moderação. ■

*diretor Geral da Trabalhando.com.br, pós-graduado em Administração de Empresas pela UCLA e MBA pela University of Southern California, Marshall School of Business.

Miss

Por Silvana Silva

Brown to you

Priscilla e Danilo Benedicto nem eram nascidos na época em que a canção *Miss Brown to you* fazia sucesso na voz da diva Billie Holliday, nos anos 1930. Mas foi inspirado na letra dessa música que o casal criou, em 2006, a marca de roupas Miss Brown.

O sonho de ter o próprio negócio nasceu depois que Priscilla fez um curso técnico de moda. Ela queria criar roupas que valorizassem as formas da mulher negra. Foi assim que começou a desenhar peças em malha, com generosas fendas, cujo estilo define como “casual despojado”.

Danilo e Priscilla fazem parte de uma geração que começa, por necessidade ou desejo, a empreender cada vez mais cedo. Em 2006, a dupla não tinha 25 anos, quando decidiu transformar o sonho em negócio. Mas o caminho até as prateleiras das lojas foi tortuoso.

Primeiro Priscilla passou por duas empresas do ramo. Foram quase 5 anos de aprendizado até decidir investir na própria marca.

Antes de levar a Miss Brown para as lojas, a dupla começou vendendo camisetas promocionais para faculdades. Em pouco tempo, os pedidos

cresceram e o casal decidiu alugar um imóvel na badalada rua Augusta, em São Paulo. Priscilla descobriu, na prática, que inspiração representa apenas 5% do negócio, o restante é pura transpiração.

A primeira coleção teve apenas 200 unidades e foi quase toda vendida na Feira Preta (festival de cultura negra que acontece anualmente em São Paulo). O que sobrou acabou sendo vendido entre amigos e conhecidos. O resultado foi considerado positivo, apesar de não ter sido lucrativo. A Miss Brown, portanto, já era uma realidade, mas ainda era preciso colocar a coleção nas lojas.

Após o aniversário de 1 ano da marca a produção foi refeita, mas continuava no circuito dos amigos. Sobravam peças e Danilo descobriu o preconceito contra mode-

Onde encontrar:

Cresposim - Galeria Presidente, rua 24 de maio/térreo- SP

Pegada Preta - Galeria Presidente, 24 de Maio/1º andar - SP

Psicodelia Rústica - Rua Purpurina, 207 - Vila Madalena - SP

Para saber mais:

www.missbrown.com.br

www.missbrownstore.blogspot.com

www.upcamisetas.com.br



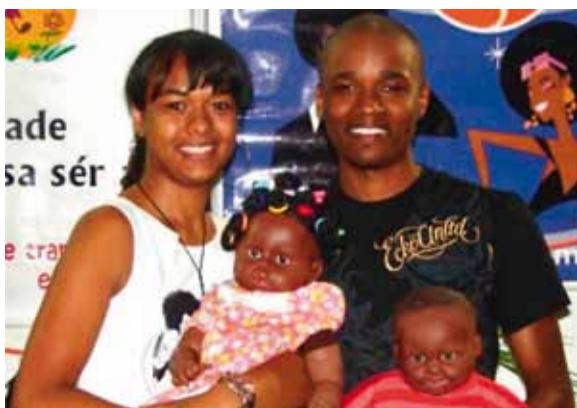
Priscila e Danilo Benedicto

los que tinham figuras estampadas com a “pele marrom”. Os mesmos desenhos “vazados” enfrentavam menos resistência.

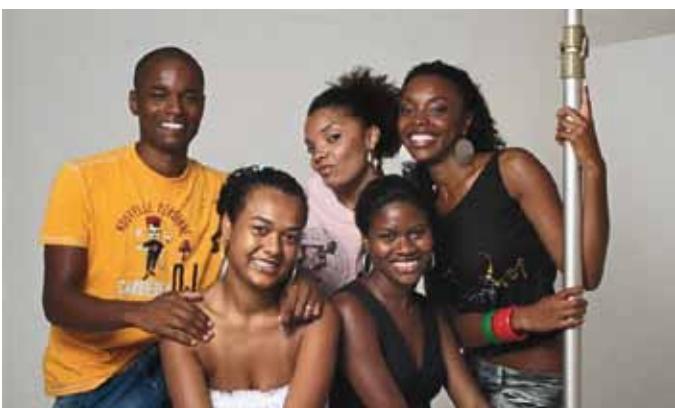
Há dois anos, diante desse cenário, o casal fechou o escritório e

considerou a hipótese de desistir, mas a marca ganhou espaço nas araras de três lojas ligadas ao segmento negro e investiu na divulgação na internet por meio de blog e do Orkut.

Com novos projetos e ânimo renovado a Miss Brown deu a volta por cima e a dupla faz planos para fazer novos cursos, pesquisar tecidos tecnológicos e sofisticar a marca. ■

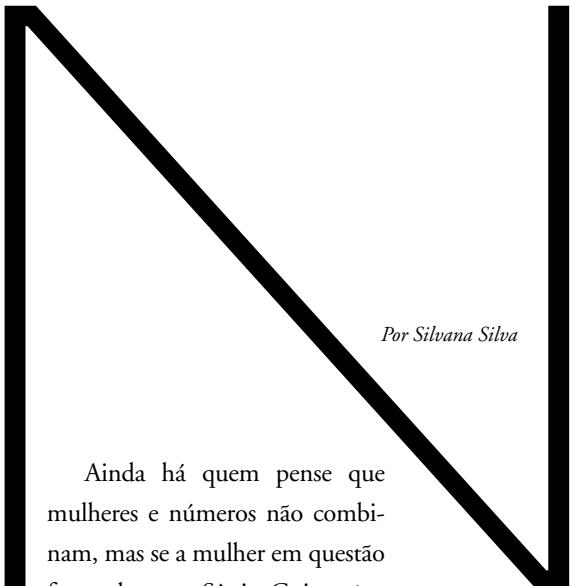


Priscila, Danilo Benedicto e equipe



Reconhecida pela NASA

Por Silvana Silva



Ainda há quem pense que mulheres e números não combinam, mas se a mulher em questão for a doutora Sônia Guimarães, provavelmente a associação mais desastrosa seja mesmo com as chamadas “prendas domésticas”. Microondas para essa paulistana é assunto para pesquisas bem longe da cozinha.

Estudar, para ela, nunca foi um fardo. Filha de um tapeceiro com uma dona de casa, Sônia Guimarães foi a primeira da família a chegar à universidade. Sempre esteve entre as primeiras da turma. No Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, fez técnico em edificações. Quando chegou o vestibular, se inscreveu só em universidades públicas. O projeto era cursar engenharia civil na Escola Politécnica de Engenharia, da USP, mas ela decidiu incluir o curso de física entre as opções. Aprovada no curso de Física da Universidade de São Carlos, o que era interesse virou paixão, ela esqueceu a engenharia e não parou mais de estudar.

Da graduação foi para o mestrado em Física Aplicada após conseguir uma bolsa para o curso no Instituto de Física, no campus da USP em São Carlos. Depois disso, o próximo destino seria a Itália, onde freqüentou o Istituto de Chimica e Fisica do Consiglio Nazionale delle Ricerche,

O conhecimento, segundo a pesquisadora, permite às pessoas reagir e lutar.

em Bolonha. Ainda na Europa, conquistou o título de doutora em Materiais Eletrônicos pela Universidade de Manchester, na Inglaterra.

Hoje Sônia, que faz parte do Conselho Curador da Faculdade Zumbi dos Palmares, é professora do Instituto Tecnológico da Aeronáutica,

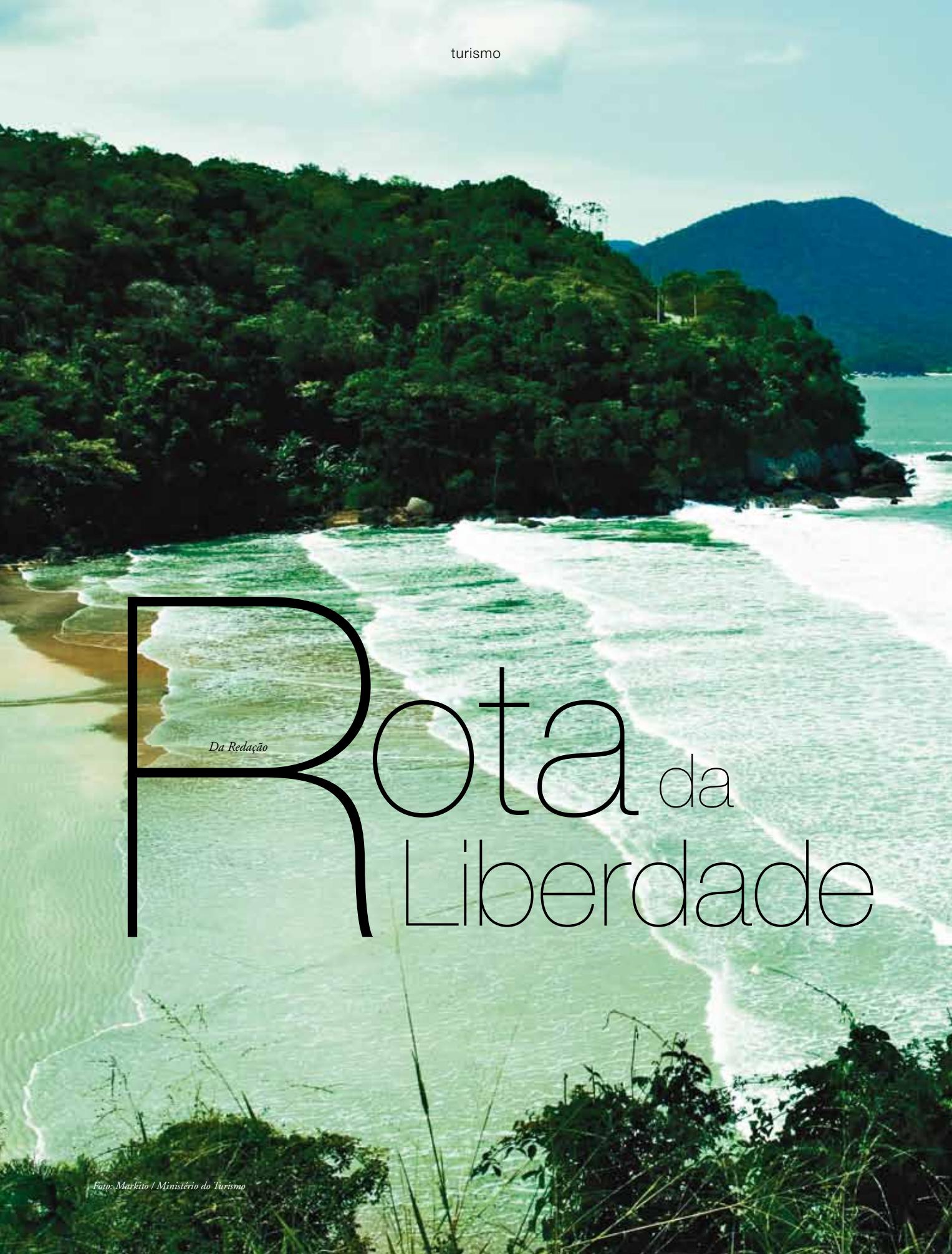
o ITA, é pesquisadora e gerente do Projeto de Sensores de Radiação Infravermelha, no Instituto de Aeronáutica e Espaço, e avaliadora do projeto Uniespaço, da Agência Espacial Brasileira, na área de microeletrônica. Tem trabalhos científicos publicados no Brasil e no exterior, alguns indicados até pela NASA, a agência espacial americana.

Com esse perfil, ela é quase uma exceção. Única negra em quase todos os espaços acadêmicos e profissionais que freqüentou, na trajetória da estudante o preconceito foi superado por sua aplicação, mas na vida profissional os desafios são maiores.

Ser mulher e negra num ambiente militar parece pesar, mas há coisas que ninguém pode tirar dela: a paixão pela pesquisa. O conhecimento, segundo a pesquisadora, permite às pessoas reagir e lutar. Por isso ela defende as cotas raciais para aumentar o acesso dos negros não apenas à universidade, mas também ao meio científico. ■

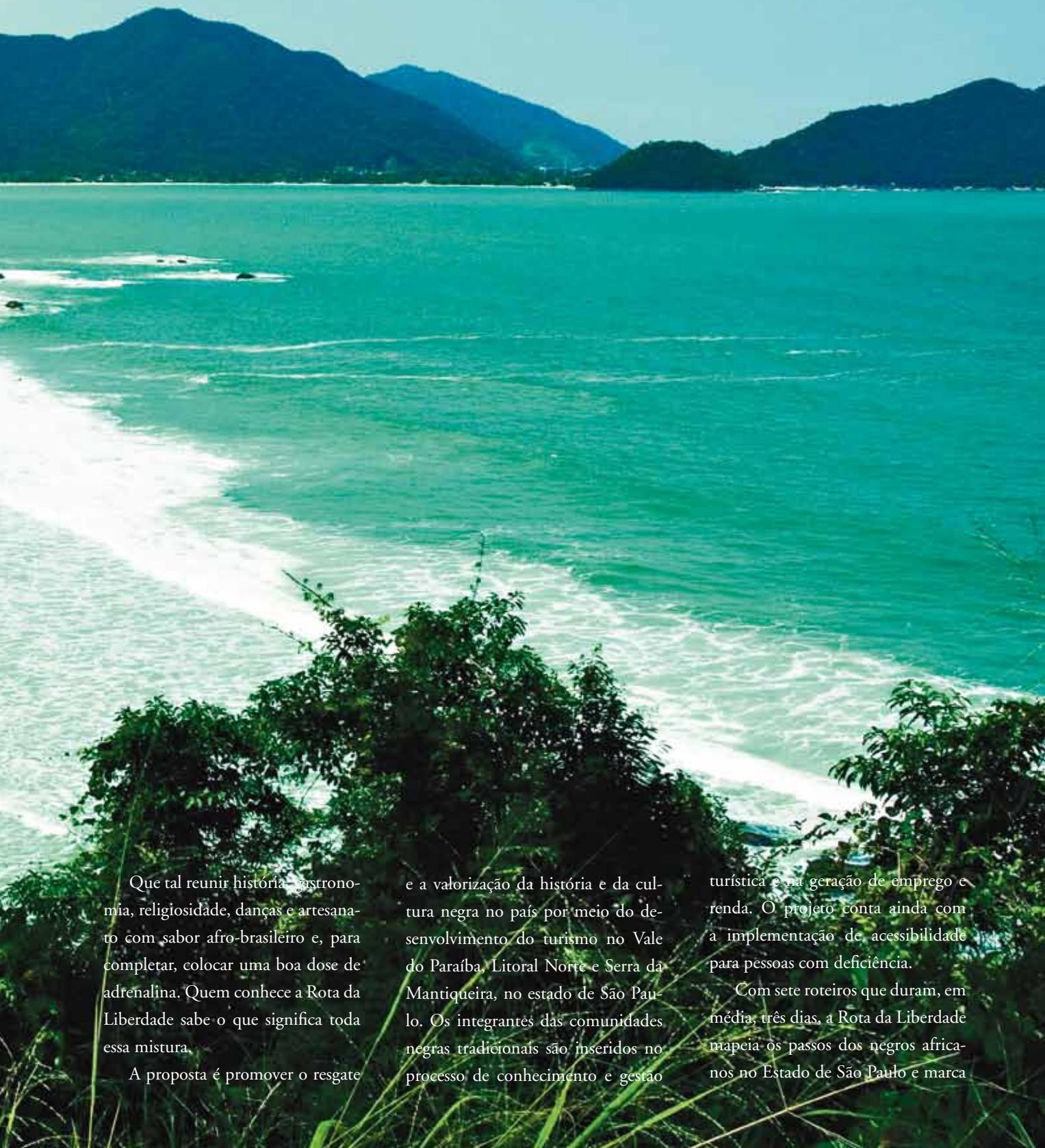


Sônia Guimarães



Rota da Liberdade

Da Redação



Que tal reunir história, gastronomia, religiosidade, danças e artesanato com sabor afro-brasileiro e, para completar, colocar uma boa dose de adrenalina. Quem conhece a Rota da Liberdade sabe o que significa toda essa mistura.

A proposta é promover o resgate

e a valorização da história e da cultura negra no país por meio do desenvolvimento do turismo no Vale do Paraíba, Litoral Norte e Serra da Mantiqueira, no estado de São Paulo. Os integrantes das comunidades negras tradicionais são inseridos no processo de conhecimento e gestão

turística e na geração de emprego e renda. O projeto conta ainda com a implementação de acessibilidade para pessoas com deficiência.

Com sete roteiros que duram, em média, três dias, a Rota da Liberdade mapeia os passos dos negros africanos no Estado de São Paulo e marca

*Foto: Solange Barbosa**Restaurante Senzala, em Salesópolis*

a sua influência na cultura paulista. Coordenado por Solange Cristina Barbosa, o trabalho segue as orientações da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), que coordena as ações do projeto Rota da Liberdade em nível mundial, desde 1994.

Os roteiros foram desenvolvidos seguindo as pistas encontradas por meio de documentos, marcos arquitetônicos, cultura, geografia e gastronomia.

No primeiro roteiro – Tremembé, Taubaté e Pindamonhangaba –, o turista conhece a saga dos barões

do café. Na cidade de Tremembé, o visitante conhece o moçambique e a congada, danças típicas trazidas pelos africanos. Outro destaque no roteiro é a Basílica do Senhor Bom Jesus, construída no século 19. Lá o visitante poderá observar as imagens de Nossa Senhora das Angústias e do Bom Jesus da Canaverde (ou de Tremembé), em tamanho natural.

Esportes radicais

Para quem busca aventura, o rio Paraibuna oferece opções de esportes radicais como o rafting (cano-

gem em corredeiras). Na Pousada Fazenda Maristela, antiga propriedade cafeeira, os visitantes podem praticar rafting em corredeiras nível 1, 2 e 3, acompanhados de profissionais experientes.

Uma extensa trilha de terra e a travessia por um pequeno rio levam o visitante à Fazenda Neuchâtel, em Guaratinguetá. Encravada em um cenário belíssimo, pertenceu inicialmente a Ulisses Aléxis Pezzennoud, que ali construiu uma réplica do castelo Neuchâtel, da Suíça, seu país natal.

Os palacetes 10 de Julho, Visconde da Palmeira e Tiradentes, a Igreja São José e a Igreja Matriz Nossa Senhora do Bom Sucesso, localizados no centro histórico de Pindamonhangaba, retratam a época áurea da cafeicultura da região. São verdadeiros patrimônios históricos que vale visitar.

Com apenas quatro mil habitantes, Redenção da Serra impressiona os visitantes pela sua história, aparência e pelos festejos. Fundada no início do século 19, a cidade foi a primeira a libertar seus escravos, bem antes da Abolição, em maio de 1888.

Outros roteiros

A Rota da Liberdade contempla outros roteiros: São Luís do Paraitinga, Piquete, Lorena, Cruzeiro, Cunha, São José do Barreiro, Bananal, São Sebastião, Ubatuba e Ilhabela e ainda passa por comunidades quilombolas, como a de Caçandoca e Cambury.

Rota da Liberdade está entre os finalistas do Desafio em Geoturismo 2009 promovido pela National Geographic Society e o Changemakers da Ashoka. O circuito está entre os dez mais inovadores programas de viagens sustentáveis do mundo. A iniciativa brasileira foi selecionada entre 611 inscrições de 81 países.

Saiba mais:

turismorotadaliberdade@gmail.com
realitytour@uol.com.br
www.realitytour.com.br



Foto: Solange Barbosa

Sítio arqueológico

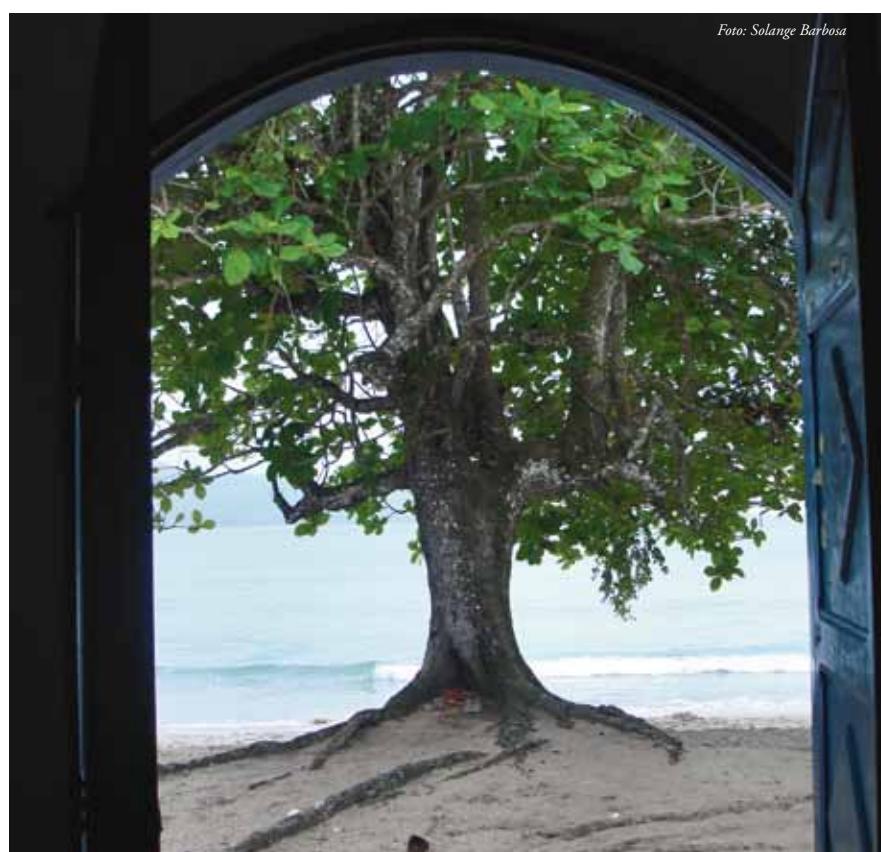


Foto: Solange Barbosa

Praia da Caçandoca em Ubatuba



Mais riscos para os negros

Duas pesquisas divulgadas recentemente apontaram que, para alguns tipos de câncer os negros correm mais riscos de apresentarem a doença. Nos Estados Unidos, o Instituto Nacional do Câncer financiou uma pesquisa com 19.457 pacientes de várias etnias, durante mais de uma década. Todos foram atendidos pelos mesmos médicos e receberam o mesmo tratamento. Ao final, os pesquisadores observaram que os negros americanos tiveram 49% mais chances de morrer de câncer de mama, 61% de câncer de

ovários e 21% de câncer de próstata. Para Kathy Albain, médica que coordenou a pesquisa, os resultados colocaram em dúvida a teoria de que os afroamericanos têm baixa taxa de sobrevida do câncer devido a fatores socioeconômicos, como a pobreza ou pouco acesso aos serviços de saúde.

Entre pacientes com outros tipos de câncer como o de pulmão (considerado o de maior mortalidade no mundo), colorretal, leucemias e mielomas a taxa de sobrevida foi semelhante a de pessoas de outras etnias

na pesquisa americana. Para Albain, as diferentes respostas ao tratamento podem estar nos fatores biológicos do tumor ou na variação genética, que pode influir inclusive na ação dos medicamentos.

No Brasil, uma outra pesquisa, realizada pela Universidade Estadual de Campinas e apresentada no Congresso Europeu de Pneumologia, revelou que entre os negros, a chance de se desenvolver câncer de pulmão é 5,21 vezes maior de que entre os brancos. Pelo menos entre os fumantes.



<http://paradoxnews.files.wordpress.com>

Os pesquisadores observaram que os negros americanos tiveram 49% mais chances de morrer de câncer de mama, 61% de câncer de ovários e 21% de câncer de próstata.

No estudo que envolveu 464 pessoas, o pneumologista Lair Zambon detectou que a maioria dos pacientes negros apresentavam uma mutação no gene CYP1A1*2A capaz de potencializar a ação de substâncias cancerígenas presentes no cigarro, como o benzopireno, ou seja, tinham dificuldade em eliminar essa substância, aumentando o risco de desenvolvimento do câncer de pulmão, relacionado em 90% dos casos ao fumo.

Sobre a pesquisa brasileira, o oncologista Jefferson Luiz Gross, do Hospital A.C. Camargo vê a

possibilidade de se desenvolver novos tratamentos, mas descarta a investigação genética para descobrir quem tem ou não predisposição à doença. Nesse caso, é mais fácil investir em campanhas educativas para combater o tabagismo. Já o mastologista José Luiz Bevilaccqua, cirurgião do Hospital Sírio Libanês, lembra que a garantia de tratamento igualitário não se reflete na realidade. Assim, o impacto de fatores socioeconômicos não pode ser desprezado, seja na detecção ou tratamento do câncer.

Lair Zambon frisa que somente uma amostra populacional de todo o Brasil permitiria saber se os resultados obtidos na sua pesquisa se aplicariam em todas as regiões, mas baseado na mutação dos genes diz que já é possível prever como alguns tumores responderão aos quimioterápicos. O pneumologista lembra ainda que, nos EUA, o câncer de pulmão tem um índice de cura de 13%. No Brasil, estima que esse índice não chegue a 7% e o melhor meio de evitar a doença ainda é não fumar. ■

Por Ademir Jr.

Já está comprovado que a pele negra é mais firme e demora mais tempo para dar sinais de envelhecimento. Porém, essa vantagem não deve ser motivo para que mulheres e homens negros deixem para segundo plano alguns cuidados fundamentais para garantir a saúde e manter a pele sempre bonita. Pensando nisso, o dermatologista Ademir Jr.* selecionou algumas das dúvidas mais freqüentes sobre o assunto.

Quais os problemas estéticos mais recorrentes na pele negra?

Normalmente são as manchas ou lesões que conhecemos como discromias, ou seja, alterações de pigmentação. Isso ocorre porque as células que produzem o pigmento de nossa pele (a melanina) costumam trabalhar produzindo um pigmento maior e em quantidade superior na pele negra. Apesar desse pigmento proteger melhor a pele das agressões solares e ser um excelente protetor contra os tumores, qualquer disfun-

Ossa pele exige cuidados

ção em sua produção levará, com maior facilidade, à formação de manchas.

Qual a freqüência de acne na pele negra? Este tom de pele está mais sujeito a ficar marcado?

Apesar de a produção de oleosidade em peles negras ser discreta-

mente maior do que em peles mais claras, não há muitas diferenças quanto à freqüência de acne. Porém, o risco das acnes mancharem é maior, pois a pele negra já apresenta produção elevada de pigmento e em situações como a inflamação causada pela acne o estímulo à sua produção aumenta ainda mais.

Quais as principais causas de manchas em peles negras? Há como evitá-las?

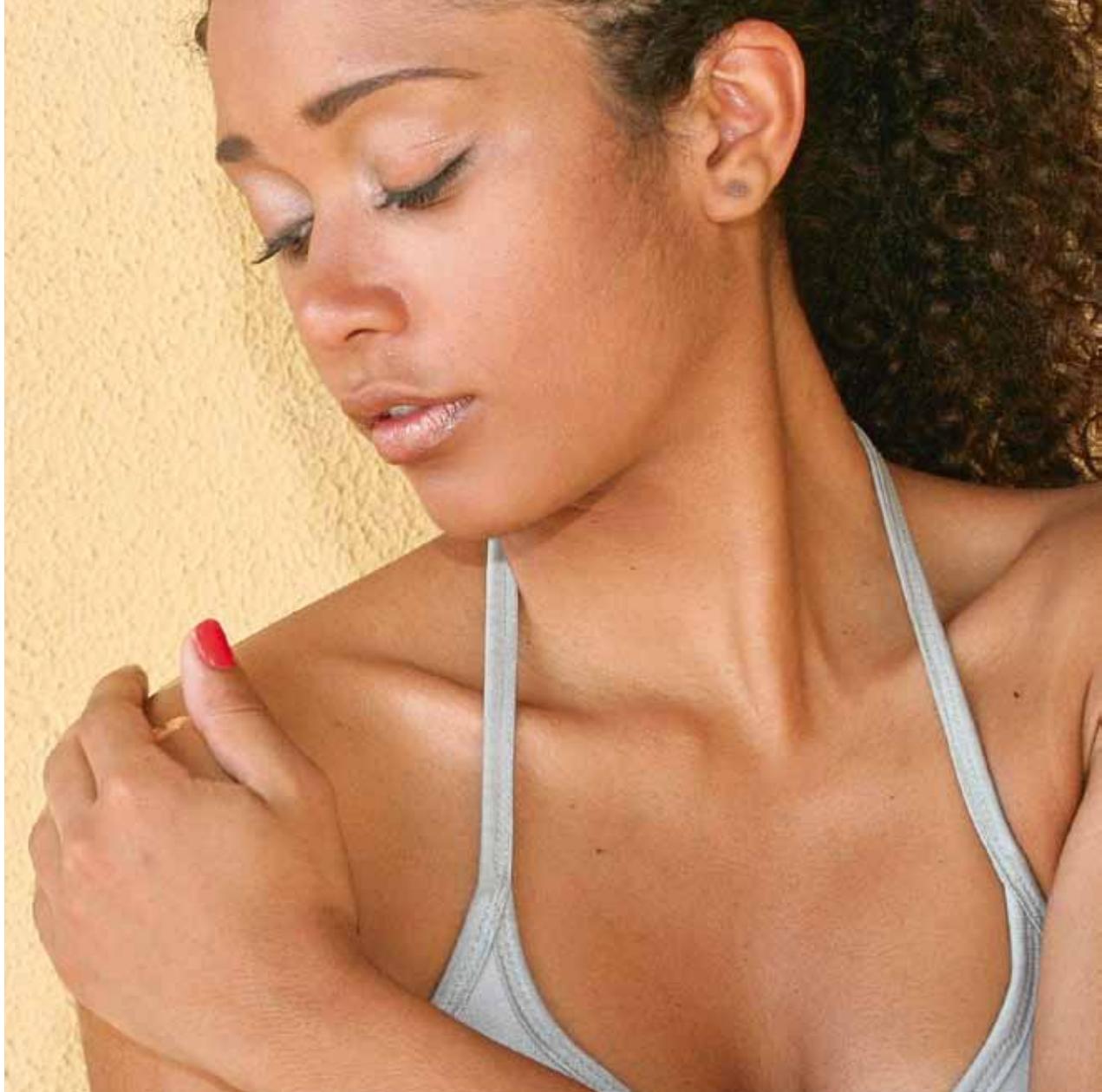
As principais causas são: excesso de sol, acne e manchas conhecidas como melasma (causadas por certo estímulo hormonal – anticoncepcionais ou gestação). A melhor forma para evitá-las é utilizando filtro de proteção solar 8 no dia a dia (a partir de 15 na praia), ou pelo uso de bloqueadores físicos, como é o caso de chapéus e bonés.

Quais os principais tratamentos faciais e corporais para os negros?

São pacientes que se beneficiam com limpeza de pele, *peelings*



Ademir Jr.



superficiais, hidratações faciais e corporais, massagens, esfoliações físicas, *laser* de baixa potência (para rejuvenescimento e clareamento de manchas).

Laser e ácido retinóico podem ser usados pelos negros?

O *laser* pode ser utilizado, desde que tenha configurações que sejam específicas para esse tipo de pele, a fim de evitar problemas como agressões excessivas e manchas e que a pele

tenha passado por uma preparação para ficar com a pigmentação mais homogênea. Sobre o uso do ácido retinóico, quando bem orientado, é um excelente produto para qualquer tipo de pele e os negros se beneficiam muito de seu uso.

O que se pode fazer em casa sem riscos à saúde da pele?

Hidratação, esfoliação e cuidados gerais orientados pelos dermatologistas.

Qual o segredo para ter uma pele sempre viçosa e saudável?

Boa higienização, tonificação, esfoliação periódica, hidratação, prevenção contra as agressões solares (uso de filtro de proteção solar), alimentação equilibrada, atividade física e/ou meditação para controlar o estresse, além de ter uma atitude positiva diante da vida. ■

*médico dermatologista pela International Association of Trichologists. Membro da Sociedade Brasileira de Medicina Estética
www.ademirjr.com.br

Soul', a alma da





Misto de jipe e hatch, o Soul está focado no cliente jovem que busca um veículo descontraído.

Um modelo que pode mudar o público da coreana Kia no Brasil. Esta parece ser a meta do *crossover* Soul, o mais recente lançamento da marca. Misto de jipe e *hatch*, o Soul está focado no cliente jovem que busca um veículo descontraído. Para os “jovens de espírito”, diz o conceito da campanha de vendas.

Concebido nos Estados Unidos, desenvolvido na Coréia do Sul e finalizado na Europa, a aposta da Kia é em um design arrojado com um estilo próprio e exclusivo assinado por Peter Schreyer.

O carro chega ao Brasil em cinco versões distintas: duas com câmbio automático e três com câmbio mecânico. O Soul com câmbio manual faz de 0 a 100 km/h em apenas 11 segundos e sua velocidade máxima é de 175 km/h, já a versão com câmbio automático atinge o mesmo resultado em 12 segundos e chega a 162 km/h de velocidade máxima.

O Soul 2010 possui um excelente espaço interno, pois conta com um bom espaço entre eixos de 2,5 metros, um porta-malas com capacidade para 340 litros que pode chegar até 700 litros com os bancos traseiros rebatidos.

Outro atrativo são os itens de

série, que em alguns de seus correntes são itens opcionais, como ar condicionado, travas das portas, vidros e retrovisores elétricos, airbag duplo, CD MP3 player com entrada auxiliar para Ipod e USB com comandos no volante, sistema de som com 5 alto-falantes e tweeters, banco do motorista e volante com regulagem de altura.

Os opcionais são itens mais inovadores ainda no mercado brasileiro, como rodas de liga leve com aro 18, freios ABS com EBD (Electronic Brake Distribution) e retrovisor interno com tela de LCD e câmera na parte traseira para marcha a ré.

Com todos esses atributos, a Kia Motors Corporation está apostando no sucesso do Soul e planeja fabricar mais de 136 mil unidades do veículo anualmente em suas instalações na Coréia do Sul. A fábrica produzirá uma linha total de 15 versões do Soul para os mercados externos, com a possibilidade de escolher motores a gasolina de 1.6 litro e 2.0 litros e a Diesel de 1.6 litro, com transmissão manual ou automática em ambos os casos.

Como se tudo isso não bastasse para que a Kia conquiste um novo mercado, o Soul tem garantia de 5 anos ou até 100 mil km rodados. ■



Tudo pronto

As cornetas já soaram para anunciar a grande festa. Daqui a menos de um ano, entre 11 de junho e 11 de julho de 2010, a África do Sul receberá a primeira Copa do Mundo da história do continente. É uma oportu-

nidade para a África provar que tem, sim, capacidade de promover um evento esportivo tão importante.

“As pessoas perguntam: por que a África? E eu respondo: E por que não?

Muitos duvidaram da capacida-

de da África do Sul em organizar um Mundial, mas agora, a um ano da Copa, estamos satisfeitos com o trabalho que tem sido feito até aqui. A Copa de 2010 é uma forma de justiça com a África e com os africanos, que



para

2010

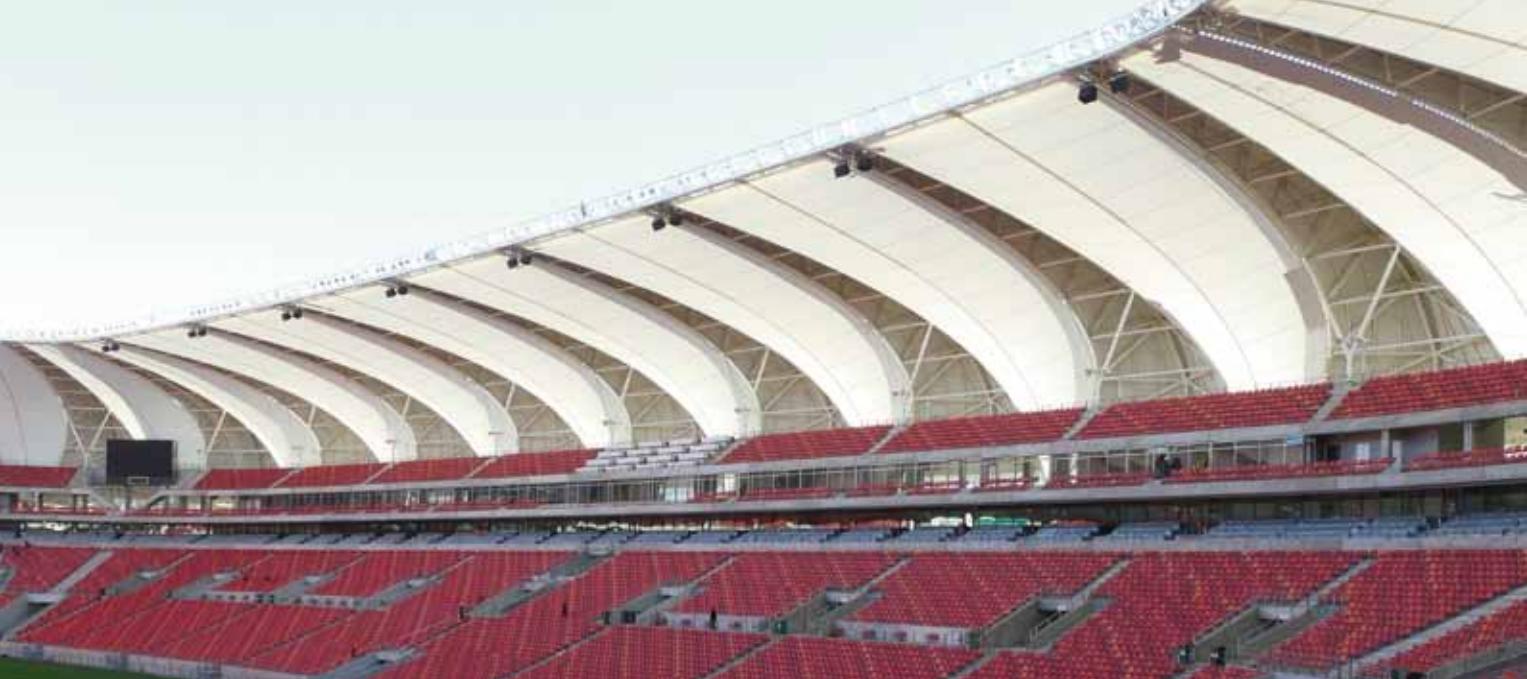
*Por Rafael Pirrho,
de Johanesburgo*

já fizeram tanto pelo futebol” explicou o presidente da FIFA, Joseph Blatter.

No grande teste antes do Mundial – a Copa das Confederações, em junho deste ano – a África do Sul foi aprovada pela FIFA, mas com ressalvas.

Blatter deu nota 7,5 para o torneio e o próprio Comitê Organizador reconheceu que ainda há dois problemas graves a solucionar. O primeiro é o transporte. O país não tem sistema de ônibus ou de metrô e

quem não tem carro precisa recorrer às vans para se locomover. Uma linha de trem rápido está em construção, mas apenas um trecho ficará pronto até a Copa. A outra deficiência é a hospedagem: são necessários 55 mil



Estádio Port Elizabeth, o primeiro construído especialmente para a Copa de 2010

quartos, mas, até agora, só há 40 mil garantidos.

Já as instalações esportivas agradaram. Tanto os campos de treino quanto os estádios foram elogiados pelas oito seleções que participaram da Copa das Confederações. Além disso, cinco dos dez estádios para a Copa do Mundo já estão prontos. Mesmo com a greve de uma semana dos trabalhadores da construção civil de todo o país, em julho, o Comitê Organizador promete entregar os outros cinco até o fim deste ano.

Mas o ponto alto da festa são mesmos os sul-africanos. Para todas as críticas a uma Copa na África, um argumento se faz necessário: nunca um evento esportivo deste porte esteve tão próximo do povo. “O futebol é uma linguagem universal. Sendo assim, a Copa do Mundo não pode ficar restrita apenas à Europa e à América”, ponderou Blatter, que instaurou o rodízio de sedes para que a Ásia (em 2002) e, principalmente, a África (em 2010) tivessem a oportunidade de receberem a competição.

Nos estádios da Copa das Confederações, as arquibancadas se tornaram uma metáfora da nação que a África do Sul ainda busca ser. Brancos e negros, pobres e ricos, todos cantando juntos pelo mesmo time. E, claro, soprando as barulhentas vuvuzelas.

“Eu gostei do som das vuvuzelas. Na Europa as pessoas têm um comportamento diferente, mais discreto, mas isso aqui é África, é a cultura deles e eu apoio”, afirmou o alemão Franz Beckenbauer, campeão mundial como jogador, em 1974, e como técnico, em 1990.

“Isso não é exclusividade da África do Sul, é assim em todo o continente.

Esta é a forma que os torcedores se expressam aqui”, defendeu o diretor executivo do Comitê Organizador, Danny Jordaan.

“Cada povo se comporta de uma maneira. Deixa eles tocarem a vuvuzela, é bonito, é legal”, disse o brasileiro Joel Santana, técnico da África do Sul, um dos responsáveis pelo memorável quarto lugar do time na

Copa da Confederações. Santana promete uma evolução ainda maior do time nos próximos meses para que a seleção anfitriã tenha uma grande participação no Mundial. “Vamos organizar uma grande festa no ano que vem e não queremos sómente participar dela”, prometeu.

Sim, será a maior festa esportiva de todos os tempos no continente. Mas será, sobretudo, uma chance de transformação. A estimativa do governo é de que o torneio crie 129 mil empregos e contribua com mais de 3 bilhões de dólares para o PIB do país. A Copa também é o empurrão para a urgente construção de um sistema de transportes, que vai beneficiar as classes mais pobres e é o pontapé para aumentar a rede hoteleira e desenvolver o turismo, uma das matérias-primas mais valiosas do país. Ainda é cedo para fazer previsões sobre quem levantará a taça de 2010, mas desde já há uma certeza: quando a Copa começar, estará nascendo também uma nova África do Sul. ■



com José Vicente

**Um programa de
opinião para você
formar a sua.**

O programa Negros em Foco tem tudo o que interessa à comunidade afrodescendente. E também a todos aqueles que se interessam pela liberdade, pela inclusão social, pela afirmação do negro na sociedade brasileira. Entrevistas, política, saúde, emprego, variedades. Veja abaixo os horários e os canais onde o programa é exibido. **Você não pode perder.**



TV Aberta (canal 9 da Net)

Sábado: 18h30

RBI (Canal 14 UHF)

Domingo: 21h30

Quarta-feira: 21h30

Rede Mundial (Via Satélite)

Sábado: 15h30

Domingo: 15h30

Quarta-feira: 21h30

Antes mesmo do apito da partida inicial, já se pode dizer quem é o vencedor do torneio: o povo sul-africano.

conomia, futebol e o estridente som da vuvuzela

Por Rosenildo Gomes Ferreira*

“O mundo também já pensou que não poderíamos negociar com os brancos o fim do *apartheid*. Recusamos as ofertas de mediação internacional e mostramos que éramos capazes de resolver nossos problemas”. A frase, em tom de desabafo, foi proferida por Danny Jordan, chefe-executivo do comitê de Organização da Copa do Mundo de 2010, no início de julho. Na ocasião, ele recepcionava um grupo de jornalistas internacionais em visita à Soccer City (cidade do futebol, em português), o principal complexo esportivo em construção no continente. Na época, o governo, em ge-

ral, e o comitê organizador do evento, em especial, viviam dias difíceis. A greve dos operários da construção civil servia de fermento para as críticas sobre a capacidade da África do Sul de abrigar um evento tão importante como a Copa do Mundo. Felizmente, os céticos bem intencionados, e até mesmo aqueles que se alinharam à visão de que somente os países acima da linha do Equador têm capacidade de abrigar um evento desse porte estão errados.

Antes mesmo do apito da partida inicial, já se pode dizer quem é o vencedor do torneio: o povo sul-africano. Graças ao evento, o país

atravessa um surto de desenvolvimento sem igual. A estimativa é que no período 2005-2010 sejam investidos 64 bilhões de euros. Boa parte dessa bolada será gasta em obras de infra-estrutura urbana: transportes, hotéis, rodovias e estações de geração de energia. Ou seja: vão gerar dividendos eternos para o país e sua população, especialmente para as 39 milhões de pessoas alijadas do processo de desenvolvidos pelo regime racista. Quem percorre a rota entre o aeroporto de Johanesburgo, capital do país, e o distrito financeiro de Sandton Square tem a chance de ver um país em transformação. O caó-



tico sistema de transporte, pensado para dar conforto apenas à minoria branca, vai ganhando contornos democráticos com a construção de corredores expressos de ônibus, linhas de metrô e de trens ligando os bairros populares – as chamadas *township*, hoje servidas precariamente por ônibus e vans.

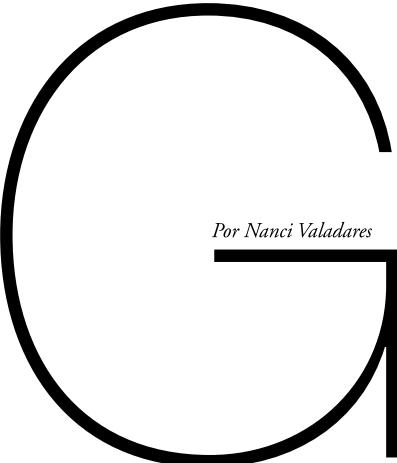
Graças aos preparativos para a Copa do Mundo, a economia e o povo sul-africano conseguiram ser atingidos com menos intensidade pelo *tsunami* chamado crise econômica global. Um evento da envergadura da Copa do Mundo tem um poder transformador. Na rica Alemanha, em 2006, serviu para integrar definitivamente a parte pobre do país, o lado oriental, reabsorvida após a queda do muro de Berlim em 1989. Em países menos emergentes, ela funciona como um catalisador de ações desenvolvimentistas: construção e reforma

de estradas, portos, aeroportos, hotéis, enfim, equipamentos necessários para atender bem centenas de milhares de pessoas. Na África do Sul, isso tudo tem um significado especialmente saudoso. Isso porque ajudará a firmar definitivamente esse jovem país que renasceu em 1990 com a libertação de Nelson Mandela.

Em seu pronunciamento, Jordan lembrou seu passado de lutas e também o compromisso do Congresso Nacional Africano, partido que comanda o país, de lutar pela democracia e pela melhora das condições de vida da população pobre. “A repressão à greve, como preconizaram alguns críticos internacionais seria equivalente a trair meus ideais e também o país”, justificou. Para em seguida citar exemplos semelhantes ocorridos na França, antes da Copa de 2002. Lá, o diálogo foi mais eficiente que o tacape. Ele lembrou ainda que ninguém, em momento algum, colocou em dúvida a capacidade dos franceses e de seu governo.

Felizmente, como previu o cartola Jordan, a greve dos operários da construção civil na África do Sul é coisa do passado. Os estádios e as demais obras de infra-estrutura estão em ritmo acelerado e, Oxalá, teremos uma Copa do Mundo com a marca da diversidade, da alegria e do desenvolvimento. Tudo isso ao som da estridente vuvuzela. ■

*repórter da revista *Isto É Dinheiro* e membro do Conselho Curador da Faculdade Zumbi dos Palmares (rosenildo.ferreira@gmail.com)



Por Nanci Valadares

Guerreiras de Natureza



Nanci Valadares

Há aproximadamente seis décadas, o magistral Nelson Rodrigues, ao ver no palco a diáfana Cacilda Becker nos braços do negro Otelo, sentenciou que o ator Abdias Nascimento era de fato o único negro no Brasil, com isso querendo dizer que não conhecia ninguém além dele, que se proclamassem orgulhosamente, como pertencente à raça dos escravizados. Aqui coincidia o tempo das iniciativas autóctones em prol da igualdade racial, como a Convenção Nacional do Negro, realizada no Rio de Janeiro e o Teatro Experimental do Negro. Naquela década, entre os anos 40 e 50, o censo demográfico

excluía o item “cor”. No início dos anos 70, provocado por cientistas sociais que lamentavam a lacuna, o IBGE ofereceu à população, em uma Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílio (PNAD), a sua auto-definição espontânea quanto à cor. Das respostas a esse quesito resultaram dezenas de matizes como azeitona, pretinho, pardo, marrom, roxinho e outras tantas objetivações em uma clara expressão do grande prestígio que denota a cor branca por oposição à simples acepção de preto.

Hoje, quando a Coleção Sankofa organizada por Elisa Larkin Nascimento lança *Guerreiras de Natureza, Mulher Negra, Religiosidade e Ambiente* (São Paulo: Selo Negro, 2008) dedica a todos os brasileiros o capital plural de nossa memória coletiva, somando-se à preservação da matriz africana na formação social brasileira. O estudo da origem dos negros do Brasil e do sentido e da extensão cultural de costumes, padrões de comportamento e valores mantidos na diáspora africana, requer além do investimento público e privado em pesquisa, a preparação superior de homens e mulheres que se

dediquem a essa tarefa em nome de todos os brasileiros. Considerando-se a riqueza do Brasil a sua imensa biodiversidade, a multiplicidade de suas gentes projeta-nos para o futuro de um mundo globalizado e de hegemonia compartilhada.

Em Gana, quando se apela ao ideograma Sankofa, o olhar se volta ao princípio das coisas para a sábia ordenação das ações no presente, preparando o salto para o devir. Segundo-se a *Cultura em Movimento: matrizes africanas e ativismo negro no Brasil e A Matriz Africana no Mundo*, o terceiro volume da Coleção Sankofa propõe-se a reunir alguns dos mais pertinentes trabalhos de pesquisa, observação e reflexão sobre o delicado tema do papel reservado à mulher negra no Brasil. Neste volume, os mais ilustres representantes da tradição africana no Brasil se debruçam no panteão dos mitos africanos e sua perpetuação na diáspora no Brasil, para retornar às condições presentes de marginalização das famílias chefiadas por mulheres, na análise da inesquecível Lélia Gonzalez, alcançando vôo até a projeção de um novo papel para a mulher negra brasileira.

O olhar que se volta ao passado convida a uma visita ao mundo mítico em oposição às sociedades históricas onde o tempo se desdobra inexoravelmente na cronologia dos fatos e atos humanos. Na memória histórica, as efemérides descrevem vitórias de povos contra a subjugação por outros ou conquistas sob a ação exemplar de líderes e demiurgos. Não há espaço para o erro e o fracasso já que o indivíduo surge ao mesmo tempo como narrador e profeta.

No contraponto, Sueli Carneiro e Cristiane Cury lembram o tempo cíclico do mundo dos orixás que redime os indivíduos de origem africana (ou não) de sua inadequação social, no período pós-Abolição, ao passo que lhes oferece a adoção de uma dimensão simbólica superior, de origem divina. Esta opção coletiva carrega o dom de reintegrá-los à sua própria natureza e a um papel social definido. Pois posto sejam pouco numerosos os orixás que sobreviveram à escravidão no Brasil, suas manifestações são inúmeras, de modo que, por combinação, permite-se a ressignificação arquetípica da singularidade. Os inúmeros aspectos da natureza humana decorrentes da natureza divina desenham traços psicosociais que descrevem, com bastante fluência, as características principais de cada indivíduo, que com eles então se podem re-identificar.

Helena Theodoro divisa uma teogonia dos deuses que tudo criaram desde a natureza, a terra (*aiyê*) e o além (*orum*), ao espírito feminino das águas, ao homem e à mulher, desde

“ As vozes sem precedentes dos kariri-xoco e fulnio misturam-se às linguagens secretas dos negros bantos, que segundo Dandara, constituía a principal etnia trazida para o Rio de Janeiro, junto ao conhecimento das florestas de Angola e do Congo, por cuja arte, ajudaram a reconstruir a Floresta da Tijuca. ”

Nanci Valadares

sempre envolvidos numa contradição permanente, numa luta dinâmica que move o universo das coisas.

José Flávio Pessoa de Barros e Maria Lina Leão Teixeira, por meio de uma vasta pesquisa de campo sobre o conhecimento e a utilização de ervas e espécies vegetais, lembram a bendição para a cura por meio das folhas: “*kosi ewe, kosi orixá*” — sem folhas não há orixá.

Aqui o livro se aproxima da questão atual do meio-ambiente e, sem anacronismo, relembra o amor à natureza explicitado pelos rituais de caboclo e à lembrança étnica lingüística da matriz indígena, per si, e enquanto sincretismo com os rituais de Umbanda, Candomblé de Caboclo e Jarê. As vozes sem precedentes dos kariri-xoco e fulnio misturam-se às linguagens secretas dos negros bantos, que segundo Dandara, constituía a principal etnia trazida para o Rio de Janeiro, junto ao conhecimento das florestas de Angola e do Congo, por cuja arte, ajudaram a reconstruir a Floresta da Tijuca.

Dessa interpenetração entre os povos originais e os negros escravos

que deixaram a África pelos portos de “Cabinda, Luanda, Benguela e Moçambique”, Nei Lopes evidencia, em cantigas banto-ameríndias de rituais do Amazonas, a confluência de mitos, mas principalmente dos conceitos sagrados relativos às forças da natureza dos rios e mananciais, das florestas e das árvores.

Em uma espécie de uma geografia mítico-descritiva, as diversas origens dos deuses dos cultos afro-brasileiros e afro-ameríndios se fazem reconhecer. Das regiões islamicadas da Nigéria e do Senegal fundem-se as tradições hauças, fulas e mandingas no culto Malê. Os iorubás nigerianos se manifestam no culto nagô, como o Omolokô e o Keto vem da nação de Angola. E há os cultos gege que devem sua tradição aos negros vindos da região do Benim e do Daomé, da Costa do Marfim e de Gana.

A história dos deuses e do comportamento ético que se requer do ser humano face à grandeza da natureza e do cosmos constitui um repositório de mitos originados na África e reproduzidos nos terreiros de Candomblé e de Umbanda. Em razão das práticas rituais e da for-

mação sacerdotal que as induz e permite, dos longos anos de aprendizagem que se seguem à iniciação das iaô e das sambas até aos cargos hierárquicos mais elevados nas roças ou nos terreiros, barracão ou casa de Candomblé, na nominação citada por José Flávio Pessoa de Barros e Clarice Novaes da Mota, a África sobrevive quase inteira no Brasil.

Nesses micros-espacos sobressai a figura canônica da mulher negra como guardiã renitente de uma unidade familiar simbólica para os ex-escravos e seus descendentes, inseridos em um ambiente social mais amplo, onde se tenta por meio de todos os artifícios, relegar ao óbvio a singularidade dessa memória coletiva e desse esforço humano universalmente digno.

Após a Abolição da Escravatura no Brasil, segundo o advogado Hédio Silva Jr. os libertos, sem beira ou eira, não conseguiram se inserir nos meandros jurídicos da nova República, encontrando-se enlaçados por diversas leis que os marginalizavam. Se não podiam morar nas fazendas dos seus senhores, foram condenados à prisão por vadiagem; os iguais perante a lei obtinham responsabilidade penal na tenra idade dos nove anos, se mendigo, praticava o crime. Ao capoeira se mandava à prisão, reduto criminal também do espiritismo e do curandeirismo.

Finalmente, *Guerreiras de Natureza* alcança o fim a que se propõe. Trata-se de encontrar o sentido pelo qual o papel da mulher negra se distancia da senzala e do trabalho feminino doméstico e da objetivação erótica, como signos de subordinação.

“A tradição dos Orixás dá aos homens pobres fundamento e destino” (Joel Rufino dos Santos) e justamente na moldura da marginalização do negro, a mulher negra se assume como líder da resistência cultural do seu povo, abrigando e protegendo aquele desenraizado da cidadania, atribuindo-lhe um sentido novo e superior pela adoção da sua origem e tradição míticas, no hiato histórico desenhado pelos séculos.

Não por acaso, o primeiro culto de envergadura de que se tem notícia, a Casa Branca, surgiu ao final

referências para um Brasil que se quer plural e culturalmente rico, citam-se as grandes Iyalorixás e Ebomis: Eu-gênia Ana dos Santos, Mãe Aninha, Obá-Biyí, fundadora do Ilê Axé Opô Afonjá; Meninha do Gantois; Mãe Tolekê, Iyalorixá da Cidade de Santos em São Paulo; Olga de Aleketu, mãe-de-santo de Aderbal Moreira, um dos articulistas de Guerreiras de Natureza, e sua mãe natural Éwè Ósanyím, Beatriz Moreira da Silva, a Mãe Beata de Yemonjá.

No culto, mesmo as funções domésticas exercidas historicamente pela mulher negra no Brasil e suas descendentes mestiças ou não, enobrecem-se. Agora têm o cargo de ekedes, quando cuidam dos santos e de seus sacerdotes, ou de iae-fum cuidadeiras, quando acompanham os procedimentos de iniciação das iaôs, como são iabasséas, as cozinheiras que preparam as comidas celestiais para os santos que apreciam o omolocum, a farofa de azeite de dendê, o abará, o feijão preto temperado com azeite e camarão, o xinxim de galinha, o caruru, o vatapá e o acarajé, que o Brasil vende e exporta. E ao som dos atabaques rugidos ao batuque dos otum-alabê, excedem-se em graça, dançando os pontos aos Orixás.

Não por acaso as mulheres negras rejeitam a mera identificação com o feminismo, elas sim, fazem a diferença entre os seres que carregam, de algum modo, a horrífica tradição da escravidão mercantil. ■

¹Doutora em Ciência Política pela Universidade de Nova York, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro e ex-coordenadora de Política Internacional da Escola de Sociologia e Política de São Paulo.



do século 19, em Salvador, fundado por escravas libertas da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte da Igreja da Barroquinha, mantendo-se ainda hoje em funcionamento no subúrbio do Engenho Velho. Sua dirigente, Iyalasse Marcela da Silva (conta Deoscóredes Maximiliano dos Santos, o Mestre Didi, Asipá Alapini) era descendente direta de Iyá Nassô, sacerdotisa de Xangô, no Palácio Iorubá do Alafin Oyô, na Nigéria.

Da linhagem das líderes negras, geradoras de identidade e tradição,

NEGROS EM FOCO *POR ELAS*

Apresentação: Monica Santos
e Francisca Rodrigues



**Negros em Foco por
Elas. Um programa feito
por mulheres que pode
ser assistido por todos.
Inclusive pelas mulheres.**

O programa Negros em Foco por Elas tem tudo o que interessa à comunidade afrodescendente. Com uma vantagem fundamental: o charme e a beleza da afrodescendente brasileira. Feito, dirigido e apresentado por elas, o programa está cada vez mais bonito. Você não pode perder. Veja abaixo os horários e os canais onde o programa é exibido. E bom divertimento.

TV Aberta (canal 9 da Net)

Sábado: 18h30

RBI (Canal 14 UHF)

Domingo: 21h30

Quarta-feira: 21h30

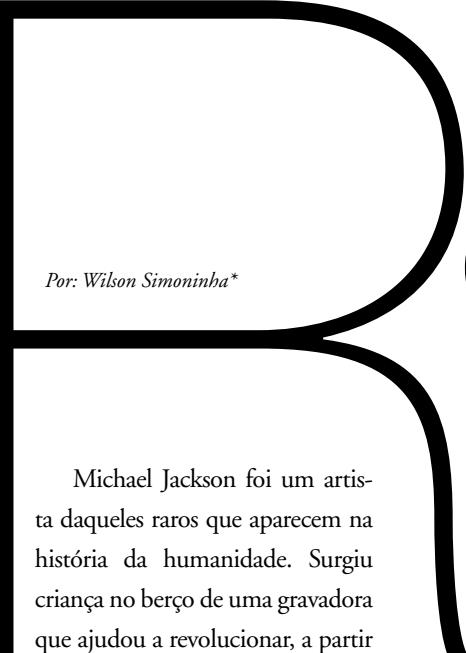
Rede Mundial (Via Satélite)

Sábado: 15h30

Domingo: 15h30

Quarta-feira: 21h30

* Negros em Foco por Elas é alternado semanalmente com o programa Negros em Foco.



Por: Wilson Simoninha*

A revolução do rei do Pop

Michael Jackson foi um artista daqueles raros que aparecem na história da humanidade. Surgiu criança no berço de uma gravadora que ajudou a revolucionar, a partir dos anos 60, a música americana e, consequentemente, o planeta. A gravadora Motown começou a abrir um espaço ainda segregado nos meios de comunicação e no coração do povo americano e continua sendo referência e exemplo para a comunidade negra.

O pequeno Michael com seus irmãos, a partir do final de 1968, surge como uma febre. Uma família negra com aquele garoto tão talentoso e lindo. Rapidamente ganham a admiração do mundo, chegando a ter um desenho animado com seu nome, Jackson 5.

No começo dos anos 70, Michael já flirtava com uma carreira solo, gravando alguns discos e consagrando hits. Mas, em 1979, a maior idade chega com o antológico “Off the Wall”, produzido pelo ge-

nial Quincy Jones. Um sucesso, mais de cinco milhões de cópias vendidas e já anunciando uma revolução.

A revolução “Thriller” deruba todas as barreiras que ainda existiam em 1982. Rádios e TVs que não tocavam músicas de artistas negros se rendem ao fenômeno. Os números de venda, as novas linguagens, a dança, o videoclipe. Aliás, muito do que vemos até hoje nos trabalhos de artistas como Madonna, Justin Timberlake, Cris Brown, Usher e muitos outros são claramente influência da sua obra.

O Rei do Pop foi muito mais que um título, ele foi fundamental para muitas mudanças que hoje beneficiam a todos que fazem música. Ele é o símbolo de uma geração e é a prova de que talento e marketing podem coexistir.

Avançando no tempo, ele agora preparava uma volta triunfal. Se iria dar certo, nunca saberemos, mas o fato é que eu compraria um ingresso

para ter pelo menos essa oportunidade de vê-lo brilhar no palco. Sinceramente torcia por um final feliz.

Marcar a vida e falar ao coração de pessoas de tão diferentes raças, credos, etnias e religiões ao redor do mundo é um poder para poucos. Um artista sem precedentes; o homem falível e fruto de suas dores e de suas marcas.

Para mim, que desde que nasci vivi com sua música, ele será eterno. E a coincidência de ele partir no mesmo dia que meu pai, 25 de junho, me faz traçar um paralelo: homens que sonharam com um mundo mais justo e sem preconceitos e que, guardadas as devidas proporções, foram grandes artistas negros, à frente do seu tempo e que, em determinado momento, deixaram-se sucumbir pelo homem que havia dentro deles. Mas a arte e o poder de suas canções nunca irão nos deixar. ■

* cantor, compositor



OBAMA

01.20.09

© 2008 Hand-Crafted

preto e branco

<http://traceyrichsfoto.files.wordpress.com>



Naomi
Sims
(1948-2009)

A primeira top model negra dos Estados Unidos, Naomi Sims, morreu de câncer aos 61 anos, no dia 4 de agosto deste ano. Sims começou a desfilar em Nova York e foi a primeira negra a aparecer na capa da "Fashion of the Times", o suplemento dedicado à moda do jornal "The New York Times", em 1967. Um ano mais tarde, foi capa da revista feminina "Ladies Home Journal" e, em 1969, alcançou fama mundial com uma foto na revista "Life", ao ser declarada a Modelo do Ano.

Faculdade Zumbi dos Palmares.

O caminho para a inclusão do negro na sociedade brasileira fica cada vez mais livre.



futura

A Faculdade Zumbi dos Palmares surgiu de um sonho alimentado por um grupo de abnegados formado por empresários, cidadãos, professores, funcionários e alunos. E com um compromisso muito claro: trabalhar pela inclusão e valorização do negro na sociedade brasileira. Hoje, depois de duas turmas já formadas, podemos dizer que este sonho já é realidade, que cresce como uma onda positiva, virtuosa, que se espalha pela sociedade. E, para corroborar estas palavras, apresenta números incontestáveis: de **126 alunos formados em 2008**, passamos a **241 em 2009, 90% deles empregados e 70% efetivados nos principais bancos do país** através de programas de Inclusão Racial firmados com nossa faculdade. Tudo isso nos dá a certeza de que este é o caminho para a inclusão do negro na sociedade brasileira. E ele está cada vez mais livre.



ZUMBI DOS PALMARES

FACULDADE ZUMBI DOS PALMARES

SÃO PAULO - BRASIL

A Afrobras tem apenas 12 anos de vida. Mas seu trabalho já é referência no Brasil.

Fundada em 1997, como uma organização não governamental, a Afrobras é resultado do idealismo e esforço de um grupo formado por intelectuais, autoridades, cidadãos e personalidades, negros ou não, que tem por objetivo promover a inserção socioeconômica, cultural e educacional dos jovens negros na sociedade brasileira. Desenvolvendo atividades de informação, formação, capacitação, qualificação e assessoria técnica, jurídica e política, a Afrobras destaca-se hoje como referência na busca de valorização e afirmação do negro brasileiro.

Entre suas inúmeras atividades, merecem destaque a Revista Afirmativa, publicação bimestral que aborda os principais temas de interesse para a comunidade afro-brasileira; o Troféu Raça Negra, homenagem às personalidades, autoridades e intelectuais que contribuem para a construção de uma sociedade plural, afirmativa e cada vez mais justa; o programa Negros em Foco, um fórum aberto, que discute, nas TVs aberta e fechada, assuntos que interessam ao Brasil e à sua comunidade afrodescendente; e, uma de suas iniciativas mais importantes, a Faculdade da Cidadania Zumbi dos Palmares, um verdadeiro marco na história da educação e da luta pela igualdade no Brasil, a primeira faculdade de inclusão do negro da América Latina.

Até agora foram apenas 12 anos ajudando a mudar uma história de quase 4 séculos. Sabemos que o caminho a percorrer ainda é longo. Mas ele está cada vez mais livre.

futura